

Pe. Eermanno Capettini, osj

VIDA DO PADRE

JOSÉ CALVI

JOSÉ CALVI

Título Original:

"P. Giuseppe Calvi - Oblato di S. Giuseppe"
Ermanno Capettini, osj - 1960

Tradução e notas de rodapé:

Pe. Roberto Agostinho, osj

Diagramação:

Pe. Roberto Agostinho, osj

Curitiba, junho de 1998.

Caríssimo Pe. Capettini

A leitura das páginas que o Senhor escreveu sobre o Pe. José Calvi trouxeram-me uma grata surpresa: não sabia que tínhamos na Congregação um autêntico santo.

Sou-lhe muito grato por esta revelação, assim como devem ser-lhe gratos todos os confrades, pois talvez bem poucos tiveram a sorte de conhecê-lo pessoalmente.

É verdade que desde que eu era estudante ouvia falar sobre este padre como um santinho; mas as notícias eram poucas, e ele vivia tão longe que tudo o que se dizia a seu respeito não nos chamava muito a atenção: um missionário doente que, perdido em algum lugar do Brasil, empregava a sua vida assistindo silenciosamente outros doentes como ele, não era um fato que aguçasse muito a nossa fantasia de jovens estudantes.

Também no Brasil, onde estive poucos anos depois de sua morte, não tive ocasião de ouvir falar muito dele, pois fiquei sempre longe dos lugares onde ele viveu.

Porém, pensando bem, havia uma coisa que deveria ter-me feito refletir: todas as vezes que ia a Curitiba, fazia naturalmente uma visita ao cemitério da Água Verde, onde repousam todos os nossos padres falecidos no Brasil. Sobre o túmulo do Pe. Calvi encontrava-se quase sempre flores frescas.

E pelo menos duas vezes, viajando de trem pelo Paraná, ocorreu de encontrar pessoas que tendo conhecido o Pe. José, ao ouvirem que eu era um padre josefino, falaram-me dele como sendo um santo.

Lendo agora estas páginas, senti vivo arrependimento de nunca ter ido ao Sanatório da Lapa, onde o nosso santo confrade imolou a sua vida. Lá poderia ter colhido o sentimento genuíno de quem viveu e sofreu com ele.

Assim, se tiver a sorte de retornar ao Brasil, não deixarei por certo de fazer essa visita. E tenho certeza que antes de mim, lá irão os nossos confrades que se encontram no Brasil assim que lerem estas páginas.

Como vê, caro Padre, o seu breve trabalho tem o mérito de suscitar interesse em torno do nome e da vida de Pe. Calvi. Porém o Senhor deve prometer uma coisa: completar este trabalho. O leitor freqüentemente se sente insatisfeito no seu desejo de saber mais alguma coisa, de degustar com mais calma certos aspectos da vida de seu herói. Mas o Senhor parece querer tê-lo egoisticamente somente para si, e corre logo para o fim da história. Nós queremos mais, pois como disse o bom Pe. Natal: "Pe. José está lá fora; precisamos trazê-lo para a Igreja".

Pe. Pedro Magnone, OSJ
Superior-Geral

CAPÍTULO I

Oitavo filho de João Calvi e de Madalena Lustrini (1), pobres mas honrados pais, José veio à luz em 01 de maio de 1901 em Cortemilia (2), cidade piemontesa, na província de Cuneo e Diocese de Alba.

Era um menino vivaz, recorda a irmã Valentina, que tinha os seus defeitos, como tantos outros, mas era diferente e se distinguia dos outros pela índole boa do temperamento, pela brandura do ânimo e sobretudo por uma religiosidade quase congênita.

Não tinha reticências em declarar a todos que seria sacerdote: achava que nascera somente para ser padre. Narra o Pe. José Vacchetto (3), naquele tempo vice-pároco, que o nosso menino ia sempre muito bem preparado à aula de catecismo. Só uma vez não quis estudar a lição indicada, que tratava do sacramento do matrimônio. Chamado a justificar tal negligência, respondeu com franqueza: *"Não estudei esta lição porque não quero casar-me"* (4).

Como coroinha era pontualíssimo ao seu serviço, a toda hora e em todos os momentos. O fato de vê-lo na porta da igreja antes que esta fosse aberta era freqüente. Uma vez, enganado pelo clarão da lua, saiu de casa ainda de noite e encontrou o sacristão, que fora fazer uma vigília, dormindo.

Gostava tanto das funções sagradas a ponto de fazer delas sua brincadeira favorita, tanto em casa como fora, sem jamais sentir vergonha. A este respeito todos notavam que não era tímido e sabia impor-se se fosse preciso. *"Recordo-me - escreve um amigo de infância - que freqüentemente nos encontrávamos perto do pasto. Construíamos um altar com pedras e José tirava o casaco, virava-o e fazia de conta que era um padre, e eu servia como coroinha"*.

"Gostava muito de brincar com ele - testemunha uma contemporânea - porque sabia contar muitas histórias bonitas. Quando aparecia alguma nuvem negra que ameaçava um temporal, fazia-nos ajoelhar sobre o saibro para fazer penitência e pedir a Deus que não chovesse pedras".

"Na minha longa carreira - escreveu o seu professor Ferdinando Serra - muitos foram os alunos que tomaram o caminho do sacerdócio; entre eles, José Calvi, que pude citar sempre como exemplo a seus companheiros pela boa conduta, obediência e vontade de estudar".

Terminado o curso primário, realizou com grande êxito o exame de admissão ao ginásio. A questão de sua vocação sacerdotal, da qual ninguém podia duvidar, foi resolvida com a escolha da Congregação dos Oblatos de São José, sugerida pelo Pe. José Vacchetto.

CAPÍTULO II

Em setembro de 1914 José Calvi deixou sua terra natal, e depois de ter pernoitado junto ao Santuário de Nossa Senhora da Moretta, em Alba, chegou ao Colégio do Sagrado Coração de Frinco, em Asti (5). Chegou ao anoitecer, quando a comunidade estava recitando o rosário da capela. Sentou-se no segundo banco da direita e colocou-se a rezar, lendo *"O Jovem Prudente"* de São João Bosco, livro que trazia consigo como uma querida recordação que recebera como prêmio de seu pároco. Desfolhando as páginas, beijava as figuras que lhe passavam sob os olhos. No momento da bênção do Santíssimo, cruzou os braços sobre o peito e chorou (6)

Nos primeiros anos do ginásio emergia sobre os companheiros não pela inteligência, mas pela tenaz aplicação. É certo que nunca colou os deveres; antes que fraudar os professores, deixava em branco o caderno. E nem escutava os "sopros" dos colegas ao recitar as lições; os maus costumes dos estudantes repugnavam sua sinceridade e humildade.

Em julho de 1915 vestiu o hábito religioso e foi enviado à casa de Oleggio (7).

"Uma das muitas razões - declarou o Pe. Pedro Franchini (8) - pelo qual estava tão contente por entrar em 1916 nos Josefinos foi a de ter como companheiro de seminário o clérigo José Calvi. Todos os jovens que freqüentavam o oratório de Oleggio tinham dele um alto e reverente conceito, principalmente nós, 'Pajens do Santíssimo Sacramento'.

Perguntei um dia aos superiores se os clérigos eram bons alunos: disseram que José Calvi nunca tirava menos que oito.

Um domingo à tarde nós, pajens, estávamos endiabrados. Ele suportou a nossa indisciplina, mas feita a oração de encerramento, disse-nos: 'Esta tarde não darei a vocês o santinho, porque comportaram-se muito mal'. E caiu em prantos! Que impressão produziu em nós aquele choro! Todos ficamos ali, sem decidir se saíamos. Pedimos perdão e prometemos melhorar".

Promovido ao quarto ano ginásial, passou para Trecate, mas após um mês de aula, sendo todos os professores convocados para a guerra, os superiores decidiram fazê-lo antecipar o Noviciado, e junto com seus companheiros, retornou à Casa-Mãe de Asti (9).

CAPÍTULO III

O noviciado, que antigamente tinha na Congregação dos Oblatos de São José a duração de dois anos, é o primeiro experimento decisivo da vida religiosa, a severa prova da vocação de quem aspira ao estado de perfeição. E no noviciado José Calvi só tinha um problema: dava uma certa preocupação aos superiores pela sua saúde delicada. Por tudo o mais, e era isso o que mais importava, não tinham mais que alegria e louvor (10).

"Recordo - testemunhou o Mestre dos Noviços - que muitas vezes, em público e em particular, o propus como modelo de obediência, de piedade e de exemplo na vida comunitária; estava sempre sereno e contente. Sempre rejeitei os conselhos daqueles que achavam que eu devia mandá-lo de volta para casa, como se fosse inútil à Congregação, pois eu era convicto de que ela ganharia mais com ele do que com outros, e que ele salvaria muitas almas com sua santidade!"

No último relatório enviado aos superiores sobre o noviço José Calvi foi escrita somente uma palavra: "Ótimo".

Em 01 de novembro de 1919 ele emitiu os votos temporários de obediência, pobreza e castidade. Desde então, por 24 anos, foi digno de sua profissão religiosa.

Foi enviado a Roma com o ofício de sacristão na Igreja de São Lourenço in Fonte (11), igreja sob a responsabilidade dos Oblatos de São José.

Um ano depois retornou a Santa Chiara de Asti para continuar os estudos regulares de filosofia e teologia.

De todos os confrades que durante aqueles anos pouco ou muito o conheceram de perto ou que tiveram com ele uma breve ou longa convivência em comunidade, podemos recolher um estupendo ramalhete de testemunhos que parece retirado das biografias dos santos Estanislau Kostka, João Berchmans ou Gabriel da Virgem Dolorosa (12).

Escreve o Pe. José Binello (13):

"Devo confessar que nunca tive intimidade com o nosso caro confrade Pe. Calvi, pela razão que o estimava e via nele algo de superior, porque a sua bondade se me impunha. E foi constatado que este tratamento que eu lhe reservava, ou que a sua virtude impunha a mim, não era uma atitude só minha, mas também de muitos outros confrades, e até mesmo dos superiores.

De fato, quando na sala de aula ele fazia uma objeção ou pedia alguma explicação, os professores não lhe respondiam com o costumeiro tom enérgico e um pouco autoritário, como a nós, mas desarmavam e adocicavam o som da voz, quase com respeito. Até mesmo o Pe. Cortona (14) agia assim".

"Conheci o Pe. José Calvi - escreve o Pe. Luís Mori (15) - durante o seu curso de filosofia e de teologia em Santa Chiara, onde fui seu assistente por três anos e seu prefeito

por um ano. Em todo esse período devo dizer não ter notado nele nenhum defeito que se pudesse dizer voluntário. Era de caráter bastante tímido, mas sabia também mostrar-se corajoso quando era preciso. Não tinha nada de extraordinário exteriormente, mas fazia tudo com toda precisão e exatidão, e esta precisão lhe era tão habitual que parecia natural nele. Não vou elencar as virtudes das quais ele dava prova: direi apenas que não recorro nunca de ter havido ocasião de fazer-lhe uma observação ou reprovação, nem recorro que as tenham feito os outros superiores. De resto, era muito submisso e obediente, que se podia estar certo que qualquer chamada de atenção seria acolhida por ele com plena docilidade.

Não me recordo de episódios particulares dignos de relevância; só posso dizer que era, por quanto possível, perfeito ou quase em cada coisa; e se a heroicidade das virtudes consiste em exercitá-las constantemente em todas as circunstâncias, podemos dizer que ele praticou, então, uma virtude heróica, como se lê nos escritos de S. João Berchmans: ele foi "extraordinário nas coisas ordinárias".

"Tive a sorte - escreve o Pe. Henrique Giovetto (16) - de conhecê-lo bem nos anos de estudante. Antes de tudo desejo exprimir a minha íntima convicção de que ele era um santo: não um daqueles santos que enchem o mundo com a fama de suas obras portentosas, mas um humilde religioso que conduz uma vida extraordinariamente comum em tudo, que passaria despercebido se não fosse o perfume de suas virtudes, que nos faz notar sua presença. Eu experimentei colocá-las em confronto com as virtudes praticadas por outros santos religiosos dos quais costumamos ler a vida e confesso que, excetuando-se os fatos prodigiosos, não encontrei quem o superasse no seu espírito de piedade, de simplicidade evangélica, de humildade, de modéstia virginal e de submissão caridosa.

A historinha que conto serve para fazer notar que também quem vinha de fora admirava as suas virtudes. Fora convidado para pregar em Santa Chiara, em preparação à festa de São José, o Cônego Rapetti de Ácqui, e o Pe. Luís Rosso (17), prefeito dos seminaristas, colocou-lhe à disposição o nosso Calvi para tudo o que precisasse, inclusive para servir como camareiro. Aquele pregador ficou tão edificado que, na presença do Pe. Rosso, colocou-se a elogiar o jovem José Calvi. Um pouco confuso diante dos elogios feitos na presença do superior, o Irmão Calvi, com aqueles modos gentis que lhe eram naturais, e com argúcia, disse: 'Se me recordo, Reverendo, o Senhor foi chamado para fazer a pregação sobre São José, e não sobre mim! '.

CAPÍTULO IV

Entre os companheiros, durante o tempo de estudante, não faltou quem se divertisse a valer com a calma de José, ridicularizando-o por seu jeito de ser ou abusando de sua paciente tolerância. A leviandade e a falta de consideração dos jovens é fenomenal. À mesa ele devia ater-se a um regime especial que às vezes dava ocasião aos comensais vizinhos de lançar-lhe gracejos um pouco mordazes. Geralmente José aceitava as piadinhas, mas nem sempre achava graça, caso fosse uma brincadeira de mau gosto ou coisa pior.

Nos contrastes inevitáveis da vida comunitária, as suas pequenas falhas involuntárias - um pouco de zanga ou de momentâneo ressentimento, algum juízo subjetivo não de todo conforme a verdade, e semelhantes venialidades das quais ninguém está isento - o afligiam profundamente, o humilhavam e o refinavam na sua caridade. Esquecia as ofensas que recebia, mas não conseguia esquecer as suas faltas.

Em uma carta de 1936, escreveu a um companheiro de escola para pedir-lhe perdão de uma descortesia que nem fora percebida pelo pressuposto ofendido e que remontava há 15 anos: "Recordo ainda uma grosseria minha feita a você, quando quis mostrar uma certa altivez, não respondendo. As suas brincadeiras eram para ficarmos alegres; e que éramos amigos está fora de dúvida".

Em outra carta sua ao Pe. Garberoglio (18), lemos: "Lembro-me que quando era clérigo contei ao saudoso Pe. Cortona uma palavra pouco respeitosa que o Irmão Fulano

havia pronunciado; eu me arrependo disso e quero que ele se esqueça, se ainda tiver na mente alguma coisa. Conheço minha cabeça dura e sinto muito ter agido daquela maneira contra o Irmão Fulano". O confrade em questão respondeu: "Porquanto penso, não me lembro de nada; por certo não devia ser nada importante".

"Passei anos com ele - escreveu o Pe. João Ponzo (19) - durante o curso filosófico e teológico em Asti; alma de uma delicadeza impressionante, que deixava transparecer também ao exterior; modesto e caridoso.

De modo particular notava-se nele uma devoção muito terna a Nossa Senhora. Falava dela com grande afeto nas horas do passeio, e foi com ele que aprendi a devoção dos 15 sábados.

Com fina delicadeza corrigia-me os defeitos. Só uma vez o vi levemente alterado, mas isso o fez sofrer tanto e o deixou tão confuso a ponto de dar-me uma grande lição e deixar-me a certeza de que tal coisa nunca mais aconteceria".

"Recordo - afirma o Pe. João Nota (20) - que o nosso Reitor-Mor, o Pe. Cortona, um dia nos disse: 'Olhem seu confrade José Calvi: não tem saúde, é fraco, e no entanto, com a sua diligência alcança tudo, edifica a todos e todos olham-no como a um santo".

Um companheiro seu confidenciou-me: "Estava o confrade Calvi para partir para as missões. Dei-lhe um abraço e ele me abraçou e beijou. Não sei como exprimir o que provei naquele momento: senti-me como que espiritualizado, como que extasiado, e senti que o seu abraço não era de um companheiro, mas de um santo".

Apresentava-se aos exames de teologia trazendo na memória os temas. Em um destes exames aconteceu que sua mente deu "um branco". Os examinadores permaneceram mudos e mudo permaneceu ele. Passados alguns minutos, mandaram-no sair. Não tinha ainda saído, e eis que toda a matéria lhe vem à mente por inteira, assim como quando nós vemos um quadro.

Num primeiro instante pensou em voltar, e poderia fazê-lo; mas depois analisou a coisa, não sob o aspecto escolástico, mas sob o aspecto religioso, e pensou que seria melhor para a sua alma e que faria mais proveito na humildade calando-se, e calou-se.

*Irmão Lino dal Castagnè (21) se recorda quando ele ia, durante as férias, passar um pouco de tempo na fazenda de sua família em Casabianca: "Posso atestar que gostávamos muito da sua companhia e que seu aspecto juvenil e sereno e seu sorriso angelical suscitavam pensamentos santos, tanto que dizia-mos: 'Que pessoa boa é o Ir. José Calvi! Parece um São Luís!'.
Em mim nasceu até o pensamento que ele fosse isento do pecado original, tanto era a compostura em cada ato seu e a modéstia que transparecia da sua pessoa".*

Pe. Paulo Ferrero (22) conta que "na ocasião de mandá-lo a Saló por causa da saúde, os superiores, escrevendo aos padres daquela casa, usaram esta feliz expressão: '... e vos mandamos um São Luís' " (23).

CAPÍTULO V

Não podemos citar todos os testemunhos sobre as virtudes do Pe. Calvi que possuímos, mas aquele do Pe. Luís Garberoglio, seu confessor e diretor espiritual nos anos do Noviciado e do Estudantado, é um documento de particular importância que precisa ser conhecido para deixar menos incompleta a figura do Pe. José.

"Sempre admirei nele - diz Pe. Garberoglio - uma piedade profunda, uma humildade sincera, uma modéstia angelical, uma caridade indulgente, uma confiança filial em seus superiores, aos quais não tinha segredos.

Vivia de fé, e para ele os superiores eram verdadeiramente os representantes de Deus, e por isso mesmo como que os seus pais.

Recordo que quando ele era clérigo e também depois, quando já era sacerdote, quase todos os dias vinha espontaneamente ao meu escritório para confidenciar-me cada pensamento que lhe passava pela mente. Era de uma delicadeza de consciência

admirável, que na ocasião, e ainda agora estou convicto de que ele conservou até à morte a inocência batismal."

Em 29 de maio de 1926, com outros seis confrades e um aluno do seminário diocesano, na vigília do encerramento do Congresso Eucarístico Diocesano, na majestosa Catedral de Asti, José Calvi foi ordenado sacerdote (24).

Sabendo que naqueles momentos de sobre-humana emoção seria impossível a ele conseguir formular desejos e propósitos, preparou por escrito a oração de sua Primeira Missa:

" Ó Jesus, preserva-me por toda a vida do pecado mortal, do pecado venial deliberado, da tibieza: senão, leva-me contigo.

Dá-me a graça de estimar as almas amáveis em ti e digna-te por cada uma a mim confiada.

Faze-me operoso no silêncio, amantíssimo do escondimento, sedento de humilhações, ardente de justiça como o meu Fundador.

Ó Jesus, não te peço consolações e sucessos que possam fazer-me crer que sou algo; que eu me alegre por ver-me pobre, um nada, para recorrer continuamente a ti e tudo atribuir a ti. E trata-me, contudo, como um trapo, serei pequeno e esquecendo-me de mim, alegrarei o teu Coração.

Liberta-me de todo interesse no meu ministério, que eu busque somente a ti, meu único bem eterno.

Dá-me simplicidade e discernimento para não espantar, enganar ou perder as almas, adquiridas pelo preço do teu sangue.

Concede-me atrativos para lidar com as crianças, para conduzi-las unicamente ao teu amor.

De agora em diante nem mais um minuto que não seja para ti.

Como sinal de teu Amor dá-me uma teneríssima devoção a Nossa Senhora.

Dá-me a graça para que eu possa repetir de verdade: "Meu viver é Cristo".

Faze-me santo, e grande santo: em mim há a matéria-prima, mesmo sendo tantas as misérias ".

Nesta oração sacerdotal de Pe. José está o esboço de sua biografia, o estilo de sua santidade.

CAPÍTULO VI

A lei italiana, de pura marca laicista, que obrigava também os clérigos ao serviço militar, foi a causa determinante na decisão do Pe. José Calvi em partir para o Brasil.

A sua frágil saúde dava motivo para achar-se que certamente logo na primeira entrevista o dispensariam; no entanto, teve que retornar duas vezes, e para surpresa de todos, na terceira foi declarado hábil ao serviço militar. Se poderia procurar-lhe um serviço de cuidado de almas, que o isentasse das obrigações do contingente de recrutas, como se fazia em casos semelhantes, mas Pe. Calvi quis ver naquela conjuntura uma disposição da Divina Providência e insistiu no seu propósito de ser missionário a todo custo.

Em 16 de setembro de 1926, junto com quatro outros confrades (25), embarcava no transatlântico Júlio César, no porto de Gênova.

Colocada a bagagem na cabine, Pe. José foi ao convés para gozar com maravilhada curiosidade o movimentado espetáculo do embarque e o panorama característico. Ficou no parapeito até a última luz solar, quando desceram as sombras da noite, fazendo desaparecer as encantadoras costas da Itália, e a pátria, a família, os amigos e conhecidos, uma vez distantes, trouxeram uma recordação doce e nostálgica.

A travessia lhe teria sido mais agradável e divertida se não tivesse pego o comum enjoão do mar; sentiu o mal no terceiro dia e livrou-se dele somente quando chegou à terra americana. Mas este incidente não lhe fez nunca perder o seu costumeiro bom humor.

O primeiro desembarque foi em Barcelona. *"Passamos - escreveu Pe. José - diante do monumento a Cristóvão Colombo, e como em Gênova, senti-me forçado a tirar o chapéu... Da embarcação via-se uma montanha sobre a qual havia uma espécie de castelo, onde foi fuzilado Francisco Ferrer"*.

Depois de 11 dias de ininterrupta navegação, o "Júlio César" ancorava no Rio de Janeiro; os nossos missionários passaram dois dias à espera do vapor "Itassucé". Em 01 de outubro estavam em Santos, e no dia seguinte em Paranaguá, único porto do Estado do Paraná.

Paranaguá estava alarmada por alguns casos de peste bubônica; a população deixava a cidade devido ao pânico. Na realidade, a peste deu ocasião ao Pe. José de celebrar a primeira missa na terra do seu sonho apostólico em uma igreja dedicada a Nossa Senhora, no santuário de Nossa Senhora do Rocio, aos cuidados dos josefinos que haviam marcado para o domingo, 03 de outubro, uma procissão propiciatória. Para percorrer a breve distância de Paranaguá ao Rocio, um bonde primitivo, um carro sobre trilhos puxado por duas mulas, gastava meia hora (26).

No dia seguinte os missionários partiram para Curitiba, capital do Paraná, depois de serem submetidos a uma cômica desinfecção com creolina mediante uma daquelas bombas hidráulicas usadas pelos lavradores para pulverizar as vinhas. *"A ferrovia que une as duas cidades - observou Pe. José - passa no meio das montanhas e anda entre precipícios. Foi um engenheiro italiano que a construiu, mas quando se viaja é bom recomendar-se ao anjo da guarda"*. Uma densa cortina de neblina naquele dia baixou e impediu toda a vista da estranha paisagem e o percurso foi bem monótono (27).

Foram os confrades e os órfãos do Abrigo que devolveram a alegria aos missionários com uma demonstração de afeto fervoroso e de alegria rumorosa.

Com outras obras de apostolado, os Oblatos tinham a direção do "Abrigo de Menores", orfanato estatal em Curitiba que hospedava mais de cem jovens (28).

Em 04 de novembro o Pe. José entrou ali na qualidade de vice-diretor; na verdade, estando o diretor Pe. Emílio Martinetto (29) absorvido em outras incumbências, o peso do abrigo caía todo sobre os ombros do Pe. José.

"Estou sempre aqui, preso com meus meninos - notificava em uma carta - mas estou muito contente e de nada me lamento, a não ser do pouco talento para fazer melhor."

"Comecei nos primeiros dias da novena da Imaculada a fazer um pequeno discurso em língua portuguesa, e desde então continuei sempre a dizer duas palavras todos os dias. Algumas vezes vi rirem durante minhas exortações, e pensando que fosse pelo meu português, pedi desculpas".

Esta era a pedagogia do Pe. José: amável compreensão dos jovens e leal reconhecimento das próprias faltas. E assim ganhava os seus corações com aquela bondade sincera e humilde, da qual os jovens têm um intuito infalível e que apreciam e exigem mais que outros dotes nos educadores.

Desenvolvia o sentimento religioso dos adolescentes com subsídios particularmente eficazes e adequados à sua idade, com poucas mas substanciosas devoções: a Eucaristia, Nossa Senhora e São José. *"Um dia tirei para fora do nicho a estátua de São José - narra o padre - e antes de recolocá-la no seu lugar chamei os meninos para que viessem dar um beijo no santo. Todos acorreram, e aquele beijo que deram na mão de São José foi como uma oração a fim de que guardasse os seus corações inocentes"*.

Havia projetado uma espécie de Irmandade dedicada a São José para conservar os seus jovens "devotos e bons"; esperava pô-la em prática quando estivesse livre dos estudos, para ocupar-se dela com todo o ânimo.

Pe. Calvi partiu como missionário, mas não tinha terminado o curso de teologia; era ainda então um estudante. Frequentava a escola dos Franciscanos regularmente, e teve como professor o Pe. Pascoal Reuss, muito estimado na cidade e na diocese, e que era seu confessor.

O arcebispo Dom João Braga (30) não deixava passar uma ocasião sem recordar ao Pe. Calvi o seu "difícil exame" e lhe repetia, brincando um pouco, falando sério outro tanto, que queria ser ele o severo examinador. Ao término do ano escolar, Pe. Pascoal dava o atestado "summa cum laude" pelos estudos terminados pelo Pe. José, e o Arcebispo o dispensava dos exames.

CAPÍTULO VII

Autêntico missionário, José Calvi não concedia a si mesmo nenhum descanso. O pouco tempo que os seus moleques o deixavam livre, ele o empregava na pregação ou no confessorário. No entanto, a fadiga de pregar e de confessar já lhe causavam dores de estômago que às vezes não o deixavam comer. *"No dia a Assunção - confidenciava numa carta - fiz a pregação do altar da Igreja do Rocío e as minhas pobres palavras em português as disse com quanta voz tinha na garganta, pois a igreja é muito grande; no final, senti alguns calafrios, e no almoço uma dor no estômago que não me deixava comer. Disso ninguém sabe nada, senão eu, que me alegro de ter demonstrado a minha gratidão à Mãe Celeste"*. Era chamado com frequência por causa do ministério ao asilo das Irmãs Josefinas Francesas. Estava um dia no quarto de um doente para administrar-lhe os últimos sacramentos quando uma voz cavernosa fez-se ouvir de repente:

- *O que você está fazendo aqui?*

Surpreso e atemorizado, Pe. José fez de conta que não ouviu, mas o outro gritou:

- *Olhe para mim!*

Voltou-se para olhar e viu dois olhos esbugalhados, uma boca disforme, uma cabeça enfiada entre as barras da janela.

- *Agradeça a esta grade!* - ameaçava o louco.

Pe. José estava para pedir ajuda, mas então recordou-se que naquele dia ocorria a festa de Nossa Senhora do Rocío, e invocando-a, ergueu-se e aproximou-se da janela.

- *Senhor, eu não trago o mal a este lugar, mas trago a paz de Deus; quero-o bem e quero estender-lhe a mão.*

Como que submetido por uma força misteriosa, o louco amansou e assentindo com a cabeça ao convite do padre, deu-lhe a mão.

No final do ano de 1927 a saúde do Pe. José começou a ceder sensivelmente às fadigas cotidianas, mas ele continuou a atender ao seu dever até quando pôde manter-se em pé. *"Passei o Natal - diz numa carta - doente, e as duas últimas missas foram-me cansativas, pois não me sentia bem"*.

O médico não escondeu a sua apreensão e aconselhou o internamento num hospital. No início de janeiro o padre entrava no Sanatório São Sebastião da Lapa (31), ignorando a gravidade do mal, com a certeza da cura em pouco tempo. Em uma carta de 16 de fevereiro escrevia ao Reitor-Mor (32): *"Por favor, não diga nada a ninguém, e não pense que é pior do que parece... e depois, o doutor já me declarou clinicamente curado. Por isso rendamos graças a São José, à Nossa Senhora, ao nosso venerado Fundador, cuja relíquia - um fio de cabelo - trago sempre comigo* (E para desviar a atenção do superior sobre sua pessoa, detém-se a dar notícias dos outros confrades). *O que verdadeiramente dói é a repentina morte do Pe. Afonso Rivellino (33). Um dia antes de sua morte fui visitá-lo: sentei-me em sua cama, havia outras pessoas que ocupavam as cadeiras, e ele, coitado, ouvindo-me tossir, disse: 'Tenha cuidado com esta tosse...!' Teve uma morte santa"*.

Escrevendo no mesmo período ao velho Pe. Cortona, ao qual era ligado por um filial afeto, nada contou sobre seu internamento no sanatório. *"Graças ao Bom Deus também estou bem de saúde, e receber sua caríssima carta foi para mim um forte estímulo. A boa vontade e os bons desejos não me abandonaram mais. Só que em meio a estes rapazes estou um pouco relaxado... me recomendo por isso às suas orações a fim de que Deus me leve consigo se estiver caminhando de forma a ofendê-lo: pedi esta graça na primeira missa que celebrei"*.

Aos familiares quis fazer entender que estava gozando as férias: *"Agora me encontro provisoriamente fora de Curitiba, no campo, descansando um pouco. Aqui me mandaram*

os meus bons superiores, e imaginem vocês, o que devo fazer por obediência: ficar à toa, estar alegre, comer e dormir muito, ficar gordo. Talvez fique aqui um mês".

E era, ao invés, uma obediência penosa. *"Tenho - declarou ao seu diretor espiritual - uma vontade louca de pedir ao Senhor a graça de me fazer sair daqui, mas também tenho medo de pedi-lo. Tenho tantas culpas para pagar, e um purgatório tão cômodo assim não é de se recusar".*

A sua atividade sacerdotal, limitada às exigências religiosas dos enfermos - naquele tempo cerca de sessenta pessoas, além das Irmãs - ele considerava quase um ócio, e o entristecia se a comparava àquela dos confrades sobrecarregados de trabalho e forçados a suprir com infatigável zelo a falta de pessoal.

Para aguçar o mal-estar do padre, sobrevém uma insanável contenda entre a direção do sanatório e as irmãs, as quais, acabando todas as conciliações possíveis, decidiram retirar-se. Pe. José percebendo a situação que se criaria no sanatório, sob pretexto de fazer uma visita aos confrades, foi embora antes que acontecesse alguma "coisa desagradável" por ali. Era o dia 22 de abril de 1929, depois de 16 meses de repouso forçado (34).

Ficando uma semana na Água Verde (35), um bairro de Curitiba, foi fazer uma visita ao Arcebispo. Este, que estava informado dos acontecimentos do sanatório da Lapa, perguntou se ele queria voltar para lá. Pe. Calvi sabia que o Arcebispo queria que ele ficasse no sanatório, mas para não deixar nenhum mal-entendido, disse logo qual era seu pensamento: *"Vossa Excelência me perdoe, mas o meu desejo é ficar junto dos meus confrades e fazer aquilo que a obediência quiser".*

Dom Braga não insistiu. A pronta resposta de Pe. José não era uma recusa, mas uma simples chamada à sua condição de religioso, que na forma de voto quer submeter também a livre escolha dos meios e das formas de apostolado. Na balança do religioso é "bom" aquilo que lhe ordena a obediência, e é "mau" aquilo que a obediência lhe proíbe. O verdadeiro religioso vive e age em contínua união e total submissão à vontade de Deus, expressa pelas regras de seu Instituto e pela vontade dos superiores.

Se o tivessem mandado ficar no sanatório, Pe. José não teria se movido, são ou doente que estivesse. Mas ele fora mandado ao sanatório para curar-se, e agora que se sentia curado, não lhe parecia mais direito ficar lá. Tinha, diria Thomas Merton, a paixão pela obediência em si mesma, para renunciar à própria vontade. Repensando na pergunta do Arcebispo, teve depois dúvidas de não ter agido com retidão, porque temia ter preferido o que a sua vontade desejava. Para tranquilizar seu ânimo, entrevistou o Reitor-Mor, que aprovou a sua conduta: *"O Senhor adivinhou realmente a minha hesitação - respondeu-lhe Pe. José - a respeito de minha saída do sanatório. Desejava tanto um escrito seu, pensando que o Senhor não estivesse contente".*

O Pe. Luís Lallemand escreveu que São Luís Gonzaga teve escrúpulos por ter-se demorado um instante pensando para qual frente o destinariam. A um semelhante escrúpulo estava sujeito Pe. José, como lemos em uma carta. *"Devo pedir perdão de coração ao Senhor por tantos castelos de areia que fiz neste tempo de expectativa. Com o tempo, tudo se acalma, aclara-se a mente e se compreende melhor o dever e a necessidade de se estar sempre em paz e alegria na santa submissão a Deus".* Nos pés de uma carta anotada com tinta vermelha, escreveu: *"Não é sangue, mas tinta: é certo porém que devo estar disposto também a dar o sangue para cumprir a obediência".*

Nos seus 30 anos de vida religiosa não se verificou nunca uma desobediência formal contra qualquer superior, do mais baixo ao mais elevado. Podia-se perceber às vezes que a ordem imposta a ele não era de seu agrado, mas nunca foi visto opondo-se ou insistindo com sofismas e artificiosos pretextos para fazer valer a própria vontade. A obediência de Pe. José tinha a delicadeza da sua castidade virginal, e diríamos também que tinha a mesma trepidação que sentia pela bela virtude.

Em 01 de maio de 1929 foi para Paranaguá, onde os Oblatos dirigiam a vasta paróquia que compreendia toda a baía homônima, espalhada ao longo do litoral por uma centena de quilômetros, administravam um colégio com uma escola tipográfica ao lado e oficiavam o célebre santuário do Rocío.

Pe. José pôs-se à completa disposição dos confrades, que tinham nele mais que um colaborador cheio de boa vontade: tinham um devoto servidor. Ele possuía aquela humildade muito rara que reconhece lealmente os méritos dos outros ignorando os próprios, e aquela caridade ainda mais rara que se oferece sem reservas para o sucesso de outros.

CAPÍTULO VIII

O Pe. José Calvi permaneceu três anos em Paranaguá, que foram suficientes para fazê-lo conhecer e estimar toda a população. Dirigia a Congregação Mariana, que era bastante numerosa, organizava o catecismo das crianças, tinha três ou quatro reuniões semanais com várias associações religiosas. No entanto, a sua maior atividade era no confessionário: neste cansativo e difícil ministério ele passava boa parte do dia. A sua doce bondade, os seus modos simples, a sua paciente condescendência a todos os pedidos lhe granjeavam penitentes de todas as condições.

Uma manhã, quando estava para sair da sacristia para celebrar a missa, uma senhora pediu para confessar-se. O padre, depois de um instante de hesitação, tirou os paramentos sagrados e foi ao confessionário. Uma velhinha que chegou no último momento quis aproveitar e bloqueou o padre, que não teve coragem de dispensá-la. Quem perdeu a paciência foi o sacristão, que repreendeu com pouco respeito o celebrante retardatário, o qual, nada ofendido, desculpou-se com um amável sorriso. Não satisfeito com a resposta obtida, o esquentado sacristão foi descarregar sua raiva com a velha:

- *Tudo culpa sua... A senhora bem que podia ter esperado...!*
- *É verdade, mas eu precisava muito dos seus conselhos!*

Pe. Fidélis Rota (36) não pôde nunca esquecer a impressão que teve de sua primeira confissão com Pe. José: *"Estando de joelhos diante dele para receber a absolvição, tive a impressão viva e profunda de encontrar-me diante não de um jovem sacerdote, meu súdito em tantas coisas, mas diante da própria pessoa de Nosso Senhor, pelas admoestações - poucas palavras - que penetraram com calor em minha alma, produzindo viva comoção e forte desejo de emenda e de reforma. Coisa semelhante não me recordo de ter provado com outros confessores"*.

Também com a pregação, na qual não economizava fadiga, era muito eficaz. Não era um orador, mas a sua palavra simples, despida de toda retórica, vibrante de verdade interior e de zelo, penetrava nas almas dos ouvintes.

"Merece ser recordado - escreve o Pe. Carlos Ferrero (37) - o discurso que fez na ocasião do naufrágio de um navio de Materazzo, no ano de 1932.

Tendo entrado no porto de Santos, não pôde atracar por causa da revolução em curso e teve que retornar a Paranaguá. Mas nas proximidades da barra o navio encalhou, e sobrevindo o mal tempo que impossibilitou qualquer tentativa de socorro, foi abandonado ao seu destino.

Os marinheiros que a duras penas se salvaram, mandaram celebrar uma missa de agradecimento no Santuário de Nossa Senhora do Rocio, e Pe. José fez o discurso na circunstância. Viu-se aqueles homens rudes chorar".

Preparava as suas pregações com estudo cuidadoso e mais ainda com a oração. Já nos bancos da escola harmonizava ciência e piedade. Usava santinhos como marcador de páginas e de vez em quando os beijava com tal arrebatamento que quem o observava achava que ele estudava rezando.

A sua cultura intelectual não era vasta, mas a que é indispensável e insubstituível ao sacerdote, ele a possuía a fundo.

CAPÍTULO IX

No mês de abril de 1933 o Pe. José foi transferido para Água Verde, então periferia de Curitiba, capital do Paraná.

"Devemos a ele - testemunhou Irmão Cuffini (38) - os restauros da Igreja Paroquial do Sagrado Coração, e o povo ainda recorda dele com lágrimas nos olhos".

Pe. Eugênio Gherlone (39), delegado do Reitor-Mor, que visitava naquele tempo as casas do Brasil, tendo constatado o excessivo trabalho ao qual se submetia Pe. José, impôs-lhe de *"ter mais cuidado com a saúde, assegurando a si um conveniente sustento e repouso, e evitando as excessivas ocupações pesadas, sempre que possível"*.

Mas como e quando era possível?

Os padres josefinos estavam vivendo tempos difíceis, causados sobretudo pela escassez de pessoal. Os aflitos pedidos de ajuda aos superiores da Itália não podiam ser atendidos. Pe. José, não menos que os outros confrades, sofria, mas ao invés de perder o ânimo em estéreis lamentos, enfrentava a situação com todas as suas forças, consumindo-as até o esgotamento. *"Um véu de tristeza que se procura afastar - escrevia Pe. José - e que não tarda a reaparecer, e às vezes parece ter motivos convenientes para deixar-nos envolver, bate ao coração. A nossa missão passa momentos de Calvário. Lançar-se nos braços da Providência é o único remédio"*.

Este abandonar-se em Deus significava para Pe. José perder a sua pouca saúde que a prudência humana lhe teria aconselhado conservar. Em novembro de 1935 foi atacado com extrema violência da mesma doença que sete anos antes o havia obrigado a internar-se no sanatório. Mas ele agia como se se tratasse de um simples infortúnio devido em grande parte ao seu descuido, a um pouco de presunção. *"A culpa foi minha - desculpava-se aos superiores - porque não quis me tratar e fiz um pouco o papel do fanfarrão e do desobediente... É como uma recaída de gripe: a evitei bem a primeira e a segunda vez, e agora que usei um pouco de negligência, a pego e incomodo os outros. Disto estou arrependido e peço perdão a Deus e ao Pe. Natal, que para mim foi nestes dias um verdadeiro pai... O Senhor, vendo que a minha vida é inútil, senão pior, me chama a Si, e dá a um outro mais fiel que eu, a honra da sua missão. Disto estou contente, mas morrendo me dará o seu prêmio? Ofereço a Ele as dores e a vida juvenil em verdadeiro espírito de penitência, pedindo somente a graça de ter os meus sentimentos até o fim para oferecer-me a Ele"*.

As condições do enfermo agravaram-se dia após dia, e todos achavam que a última hora não tardaria. Seria preciso um milagre para salvar o Pe. José, e o milagre aconteceu. Em 21 de janeiro verificou-se uma melhora inesperada, que as boas Filhas de Maria da Água Verde atribuíram à intercessão de Santa Inês, da qual celebrava-se a festa e à qual recomendaram o padre, tomando todas a Comunhão e fazendo celebrar uma missa pelo Pe. Natal Brusasco (40).

Pe. José pediu a um confrade de Roma para celebrar para ele uma missa de agradecimento junto ao túmulo da mártir. Aceitou de bom grado o encargo o Pe. João Ponzo, que lhe notificou o dia e a hora fixados para a missa votiva. *"Tive tempo, então - escreveu Pe. José -, de fazer um pequeno tríduo, e no dia 20 de abril, às 6 horas, correspondente às 10 horas na Itália, comunguei. Para agradecer a minha querida auxiliadora, no dia seguinte coloquei o nome de Inês em uma viúva japonesa que batizei"*.

Em 24 de janeiro de 1936, Pe. José podia ser transportado ao Sanatório da Lapa. Pe. João Siccardi (41), ao dar notícias dele, anotava que *"quando chegou lá, pesava 44 kg; por enquanto deve evitar qualquer vociferação, porque justamente esta foi a causa do cansaço de seus pulmões: a excessiva vontade de pregar foi o seu mal"*.

A causa desta recaída irreparável do Pe. José devia-se justamente pela total dedicação ao apostolado que ele praticava à maneira de São Paulo, pagando com a própria vida: *"Quanto a mim, de bom grado despenderei, e me despenderei muito mais em vosso favor"* (2Cor 12,15). O que reduziu o nosso missionário a uma sombra viva foi a sua obstinada vontade excessiva de pregar, de estar no confessionário por longas horas

ininterruptas, de instruir no catecismo as crianças que ia buscar em suas casas espalhadas pelos campos, de afervorar na vida cristã os paroquianos da Água Verde.

Quando Pe. José, que estava preparado para dar adeus a este exílio "com muita boa vontade", compreendeu que a hora de sua partida fora adiada, não se deixou iludir: quis saber o resultado do exame radiológico e com crua sinceridade o notificou ao Pe. Garberoglio. *"O pulmão direito está um pouco arruinado, e o esquerdo, na parte de cima não está de todo livre. Peço ao Senhor a graça de não morrer sufocado, tendo a tosse que às vezes me impede de respirar... Como vê, disse-lhe tudo sem medo". (42)*

Não tem medo porque, se jamais ficará curado e se a esperança que lhe pode dar a ciência não é mais que um prolongamento de uma doença implacável, ele sabe que é assim que deseja Deus, *"e o Senhor - acrescenta na carta ao Pe. Garberoglio - faz sempre o bem agindo como Lhe parece"*. E porque o superior parece atribuir a si uma parte de responsabilidade pela sua presente situação, tendo-o permitido partir missionário apesar da frágil saúde, Pe. José não só lhe afasta toda culpa, mas o convida a agradecer a Deus por tudo quanto lhe aconteceu: *"Suplico em nome do Senhor que expulse esta apreensão de qualquer modo que ela se apresente... O Senhor permitiu tudo pelo meu bem: aquilo que o Senhor quer e aquilo que quererá, o aceito bem de coração: apenas não o ofenda mais: o meu maior desejo foi e é que tudo me sirva de penitência. Dele sinto conforto, e o senhor deve então alegrá-lo, ao invés de entristecê-lo"*.

CAPÍTULO X

Um outro motivo de contentamento que o padre nutria no fundo do coração era a esperança de poder fazer ainda o apostolado. *"A cidadezinha de Lapa (43) - diz na carta acima mencionada - dista quatro quilômetros do sanatório, e duas vezes na semana o bom pároco vem trazer-me a Santa Comunhão. Se qualquer doente deseja o padre, aí está sempre o automóvel para trazê-lo, mas se aqui tivesse um capelão, seria outra coisa, e quem sabe se por isso o Senhor ajudou a mim para que possa ajudar os outros"*. E assim aconteceu. A Providência doou ao Sanatório um capelão que retratava a figura do Redentor delineada por São Paulo: *"Ele devia em tudo ser igual aos seus irmão para tornar-se misericordioso e fiel sacerdote nas coisas divinas. Exatamente por ter Ele provado e ter sofrido pode vir em socorro daqueles que estão na provação"*.

O Brasil das muitas religiões e nacionalidades de seus habitantes tinha uma completa representação no sanatório que habitualmente contava de 120 a 150 internos. A maioria deles era de católicos, nem todos praticantes, mas não faltavam os protestantes, os espíritas, os maçons, os supostos ateus, e os não-batizados. Neste pequeno mundo cosmopolita, a situação de Pe. José não era fácil. As desconfianças, as antipatias, as hostilidades ideológicas contra o padre, que muitos daqueles doentes encontravam pela primeira vez face-a-face em suas vidas, criavam ao redor do Pe. Calvi uma área de desconfiança e desprezo. Mas todas estas barreiras do orgulho humano caíam diante da sincera religiosidade de Pe. José, da sua índole incapaz de ofender, da sua bondade infinita.

"Aquilo que transparecia nele - testemunhou Irmã Maria Pedra (44) - eram as virtudes do amor a Deus e do zelo pela santificação e salvação das almas, a inalterável paciência, a profunda humildade; a simplicidade e sobretudo, a caridade pelo próximo, ou seja, pelos doentes internados no sanatório. Em todo seu proceder era correto e caritativo. À mínima dúvida de ter causado um desgosto a alguém, não hesitava em pedir logo perdão, qualquer que fosse a pessoa em questão, colocando muitas vezes em embaraço irmãs e enfermeiros, pois Pe. José nunca ofendia ninguém".

"Fui visitá-lo numa Sexta-feira Santa - testemunhou o Sr. Januário Alves de Souza -, e almoçando com ele no refeitório comum, observei que todos os doentes murmuravam pela sopa e as iguarias, porque embora sendo Sexta-feira Santa, havia somente carne, sem peixe ou bacalhau. Eu mesmo, embora visitante, me fiz solidário na justa crítica contra a

administração, que deveria ter procedido de outra forma. Observei, porém, que o único a não dizer uma só palavra foi o padre".

De todos os doentes que passaram pelo sanatório no período de abril de 1936 a novembro de 1937, dois somente rejeitaram abertamente o conforto religioso; poucos foram os que morreram sem sacramentos, dos quais alguns por morte repentina, outros por demora causada não pela aversão, mas pela inveterada falta de costume em praticar a religião.

CAPÍTULO XI

"O que toca em você, toca na pupila dos meus olhos!" *Estas palavras - comentava Pe. José ao dar notícias dali - suscitam ainda um triste eco na minha alma. Trata-se de um jovem de vinte anos que foi aluno de nosso colégio de Paranaguá.*

Como em todas as regiões e cidades do Brasil, assim também Paranaguá é atingida por uma onda de corrupções fomentada pelo comunismo. O infeliz jovem, premiado pela natureza com uma boa inteligência, tornou-se mestre daquela ideologia, e teve a audácia de escrever seus jornais contra os próprios benfeitores, esquecendo a bondade dos nossos padres que nunca exigiram que ele pagasse a mensalidade".

Pe. José, ao fim dos primeiros contatos, teve uma desanimadora impressão: da língua daquele libertino não saíam mais que palavras de escárnio e grosseria, pelas quais foi quase obrigado a deixá-lo. Quando soube que seu estado se agravara e que estava preso ao leito, aproximou-se dele. *"Fui visitá-lo - escreve o padre - e ofereci-lhe algumas coisinhas que possuía. Rezei e pedi que algumas boas pessoas também rezassem por ele... Piorando sempre, na festa do Santo Nome de Maria (45) escrevi-lhe uma cartinha convidando-o educadamente a cumprir o seu dever religioso. Alguns dias depois tornei a encontrá-lo. Nenhuma alusão de sua parte sobre minha carta. Então coube a mim tocar no assunto. E muito pálido, perguntou-me:*

- Estou tão mal assim?

Percebendo o seu abatimento e a sua indisposição para receber os sacramentos, acrescentei apenas que se ele desejasse confessar, não temesse incomodar-me, porque muito me alegrava poder servi-lo".

O jovem deixou repentinamente o sanatório, dizendo que não queria morrer lá.

Pe. José não o abandonou. Escreveu aos sacerdotes da cidade onde o jovem morava com a família, mas o doente não permitia nunca que um padre entrasse no seu quarto. A única vez que um vizinho de casa fez entrar um padre da paróquia do lugar, enganando o doente, este não se dignou a aceitar nem ao menos uma bênção; respondeu mal-educadamente.

O outro inimigo dos padres, que teve um fim pouco invejável, foi um homem com seus 45 anos, de origem portuguesa, sobre cuja consciência pesava alguns delitos pagos na prisão sem o benefício do arrependimento. Gabava-se de seu mal proceder e odiava o clero, com o pretexto de ter conhecido muitos sacerdotes pouco edificantes. Pe. José, ignorando estes precedentes, na primeira vez que o visitou perguntou se queria confessar-se, como já tinha feito com os outros doentes dos quartos vizinhos.

A tal proposta o português enfureceu-se, e com os olhos em brasa (pareceram ao padre os olhos de um demônio), lançou-lhe uma série de impropérios. Assustado com tal acolhida, Pe. José recebeu em silêncio e sem reação aquela furiosa tempestade. Não deixou de visitá-lo, evitando irritar a suscetibilidade explosiva daquele pobre homem, buscando, todavia, ganhar seu coração. O infeliz tinha um único filho, pelo qual demonstrava ter um forte afeto. Pe. José ofereceu-se para escrever-lhe em nome do pai belas cartinhas acompanhadas de dinheiro e santinhos. Mais de um mês depois, crendo encontrar menos resistência, tentou novamente o assalto. O doente, logo que percebeu a intenção do padre, fez-se ameaçador e acabando com toda esperança, disse-lhe:

- Eu gosto de você como amigo, mas o odeio como padre!

Deixando transcorrer um pouco de tempo, pela terceira vez repetiu a tentativa, fazendo-se intermediar por uma Irmã. A esta, o impenitente chorando de raiva, berrou:

- *Por que ele me persegue assim? Vá embora...! O padre sabe bem, e não perca mais tempo com isso!*

- *Mas o padre pediu-me...*

O outro calou-se num silêncio profundo.

Depois de alguns dias seu estado se agravou. *"Tentei pegá-lo na crise - narra Pe. José -, mas novamente respondeu-me que eu era para ele uma sarna... Em sua última noite, depois de ter batizado um homem de 60 anos, passando ao seu lado, acenei-lhe com a mão, desejando-lhe uma boa noite; ele respondeu à minha saudação. No dia seguinte morreu desesperado. Estive próximo ao seu coração, mas não dentro dele".*

CAPÍTULO XII

Entre as tantas conversões de almas que estavam à beira do precipício infernal e no juízo humano eram já presa eterna de Satanás, havia um magistrado de 45 anos, filho de um governador de Estado. Uma conduta desregrada lhe tinha barrado a carreira, arruinado a saúde e feito perder a fé.

Informado pelo diretor sobre o estado moral e físico do recém-chegado, ao qual restavam poucos dias de vida, Pe. José correu a apresentar-se, mas com apreensão; e teve de fato uma acolhida gélida, que lhe fez entender que a sua visita não era desejada nem grata. Sentado no leito com uma toalha na testa, o doente respondia ao padre, que estava na entrada do quarto, como a uma pessoa ausente que não merecesse consideração, e dava-lhe as costas.

A embaraçante e penosa situação mudou com a chegada de um conhecido do magistrado, um jovem que algumas semanas antes estivera em perigo de morte e atribuía o seu restabelecimento às orações do Pe. José, que lhe tinha imposto a medalha de Nossa Senhora do Carmo. Tendo percebido o mal-estar do padre, sem preâmbulos perguntou ao doente:

- *Senhor juiz, o senhor é católico?*

- *Eu não tenho religião* - respondeu lentamente à meia voz o magistrado -. *Tudo o que resta da minha religião é uma cara recordação de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, que foi minha madrinha de batismo* (os católicos brasileiros usavam escolher a Mãe de Deus como madrinha de seus filhos).

- *Exatamente! Nossa Senhora salvará o senhor, como salvou a mim!* - acrescentou com sincera convicção o jovem.

Na visita seguinte o padre presenteou o magistrado com uma bela imagem da Imaculada Conceição, que foi aceita, e desde então foi sempre mais cordial e íntimo. Alguns dias depois, pela tarde, o magistrado encontrava-se em condições desesperadoras. A injeção de um calmante surtiu efeito oposto: alteravam-se períodos de delírio e de tranqüilidade. Durante as pausas de calma, o enfermo contou com extraordinária lucidez e sinceridade toda a sua "história pouco limpa" ao padre, que ouviu sentado aos pés do leito.

- *Caro senhor, veja que já está confessado!*

O moribundo sorriu. O padre prosseguiu:

- *Caro senhor, se tiver ofendido ao bom Deus, peça-lhe perdão e eu lhe darei a absolvição.*

- *Como?... Se ofendi ao bom Deus? Oh, sim! Sei que o ofendi, e muito... muito...!*

O enfermo fixou o olhar nas mãos do padre; viu a coroa do rosário e a quis. Foi uma invocação à dispensadora de todas as graças, a Mãe dos pecadores.

- *Reverendo, o que é a virtude?*

- *É uma coisa que agrada a Deus e aos homens.*

- *Não é isso que quero saber e que me satisfaça... Reverendo, o que é de fato a virtude?*

- *É uma violência que fazemos a nós mesmos para fugir do mal e operar o bem.*

- *Sim... agora disse bem... Oh, como é fácil fazer o bem!*

"Pareceu-me - comentou Pe. José - a tradução exata daquela citação 'meu jugo é suave'. Nossa Senhora não abandona os seus, mesmo aqueles que lhe foram filhos indignos".

- *Se o senhor conseguir converter aquele homem, sobe de posto!* - disse um diretor do sanatório ao Pe. José, que havia pedido informações sobre um novo interno. Era este um daqueles que se declaram cristãos só por ter recebido o batismo. O primeiro sucesso que alcançou a assídua e paciente fadiga do Pe. José ao redor daquela alma adormecida foi quando o enfermo aceitou deixar impor-lhe o escapulário do Carmo. Era uma esperança, mas era necessário dar tempo ao tempo. À mesma tarde, ao contrário, improvisadamente o doente decidiu voltar para casa na manhã do dia seguinte. Quando o soube, o padre foi rapidamente a ele, levando uma fotografia de um grupo no qual também estava o enfermo. Estando ali outras pessoas, não achou oportuno falar-lhe dos sacramentos, mas propôs-se de retornar assim que o nosso homem estivesse sozinho. Desculpando-se que devia visitar outros doentes, deixou o quarto esquecendo propositadamente o barrete. Mas alguém ali logo se apercebeu dele, e o chamou com muita gentileza. Teve que - de má vontade - agradecer aquela atenção e dar um giro pelos quartos, à espera do momento propício. As horas passaram, mas as pessoas indesejáveis permaneceram. Não era mais questão de pacientar, mas de colher a única ocasião para tentar salvar uma alma.

- *Perdoe-me, caro senhor; já ia-me retirando sem nem perguntar-lhe se gostaria de comungar. Desculpe-me!*

- *Obrigado, reverendo! Sim, gostaria! Com muito prazer!*

E aquele cristão vivido sem religião fez a sua primeira e última confissão, a primeira e última comunhão; depois celebrou o matrimônio com a mulher vinda para reconduzi-lo para casa, para morrer cristãmente. *"E este bem - exclamou Pe. José - devo sempre a Nossa Senhora!"*.

Pe. José estava um dia falando com um enfermo, quando ouviu alguém gritar forte:

- *Sexta-feira quero confessar-me para descarregar um pouco!*

Era um jovem de 26 anos, pai de dois filhos, surdo. Pe. José, para facilitar-lhe a confissão, escreveu algumas perguntas essenciais com letras grandes, sabendo ser ele semi-analfabeto. E para soletrar aquelas poucas linhas, o pobre penitente gastou quase meia-hora, fazendo todo o dormitório ouvir a sua sofrível leitura. Pe. José, embaraçado daquela não desejada confissão pública, batia-lhe no ombro para fazê-lo abaixar o tom, mas o outro, um autêntico surdo, dobrava o fôlego da garganta. Foi preciso fazer sair os presentes, exceto os mais graves que não podiam deixar o leito e pedir-lhes *"que não se assustassem por ouvir certas coisas"*.

Entre os mais afeiçoados ao padre, merece ser recordado um homem de 45 anos, filho de pai napolitano e mãe brasileira. Havia ele sonhado que em 16 de maio daquele ano de 1937 estaria morto. Poucos meses antes, um doente havia tido um sonho semelhante e de fato assim aconteceu. O caso poderia repetir-se, e por isso o nosso bravo homem pediu os sacramentos, que lhe foram administrados pela concreta gravidade das condições; além disso, fez o padre prometer visitá-lo pela meia-noite do dia 15, ou pelo menos mandar-lhe uma bênção, se não pudesse mover-se.

"Acordei - narra o padre - descansado, às 23h30min. O tempo estava bom, a lua brilhava. Junto com um funcionário, fui visitá-lo. Naquele momento o doente estava também acordado; não para morrer, mas para melhorar".

Todavia, convicto de que deveria morrer logo, o doente teve o desejo de rever sua casa. Não se dava conta do risco ao qual se expunha com uma viagem de mais de três dias num trem que não tinha nem velocidade, nem conforto.

Um velho de 65 anos, católico do rito siro-maronita, teimava em ser o protetor do capelão do sanatório, uma espécie de guarda-costas. Não obstante a enfermidade, conservava um vigor que incutia a todos respeito, e quando os seus nervos se esquentavam, dava medo. Em particular vigiava o refeitório, onde por necessidade dois ou três adversários, comunistas ou incrédulos, deveriam suportar a presença do padre que tomava parte da mesa comum.

- *Fique tranqüilo, padre: o primeiro que ousar aborrecê-lo terá que se ver comigo!*

E o padre, com alegre aparência, tolerava também aquela supérflua demonstração de afeto, conhecendo a bondade do homem, absolutamente nada violento. Era, antes, profundamente religioso, com uma grande devoção a Nossa Senhora.

Bastante feliz no comércio, pouco ou nada na família, havia desposado contra a vontade dos pais uma mulher que não o amava.

- *Teimoso, quis fazer do meu modo, e paguei caro! Devemos sempre escutar os mais velhos. Acho que fui um bom pai, sempre trabalhei pelos meus filhos, aos quais deixo uma boa herança...*

A última tarde que Pe. José bateu à sua porta, não lhe respondeu porque estava cantarolando.

- *Muito bem, Sr. Miguel! O canto é alegria!*

- *Quantas lágrimas tenho espalhadas neste quarto só Deus sabe... Cantava uma canção de minha região, que me recorda tantas coisas!*

"No dia seguinte, à mesma hora o seu cadáver era levado ao cemitério, e espero que a sua alma cante agora no Paraíso" - escreveu com sofrimento o padre.

Em 30 de maio de 1937 Pe. José perdeu um outro fraterno amigo que lhe fora colaborador eficaz no apostolado. *"Em todos os leitos ouvia elogios a seu respeito, e eu me valia dele para lançar às vezes uma boa palavra, ou para convidar alguém aos sacramentos. Ele aceitava a incumbência sempre com muito gosto"*.

Foram-lhe administrados os últimos sacramentos na vigília de Pentecostes, que no sanatório era solenizada com a celebração do Dia dos Enfermos. Ao padre, que lhe sugeriu oferecer os seus sofrimentos em favor das missões, disse: *"Darei de boa vontade a vida"*.

Sobreviveu ainda duas semanas. *"Em 29 de maio, aniversário de minha ordenação sacerdotal, ofereci-lhe a minha missa, e ele ofereceu-me as suas dores daquele dia. Visitando-o mais tarde, chamou-me junto de si, pegou em minha veste e a beijou, desejando-me longos anos de vida a serviço de Deus. Morreu no dia seguinte, domingo depois da oitava do Corpo do Senhor. Estive junto dele até cerca de meio-dia. Antes de mim, tinha-se detido um longo tempo com o primo Diretor, com o qual tinha falado sobre a morte."*

Por volta de 13 horas mandou alguém chamar-me.

- *Estou para morrer. Ajude-me!*

Renovou a intenção do dia, que Jesus fosse conhecido e amado no Santíssimo Sacramento; pediu perdão a todos e desejou a mim felicidade.

Teve uma brevíssima agonia, não mais de 5 minutos. Abriu belamente os olhos, como se visse alguma coisa celestial, e depois de poucos instantes expirou. Ajoelhei-me para sufragar a alma, e quando me levantei, a sua cabeça estava caída para direita e apertava entre as mãos uma estatueta de Santa Terezinha do Menino Jesus e sorria docemente. Assim vem figurado o trânsito da Florinha do Carmelo de Lisieux".

Em 10 de setembro Pe. José chorava também a morte de um outro amigo, um polaco de 34 anos, muito *"bom e piedoso. Todos tinham por ele grande estima"*.

No último mês de vida experimentou aquela prova de purificação que os místicos denominam "a noite do espírito", sustentado pela confortável amabilidade do padre, que lhe fez recordar os ensinamentos de Santa Terezinha, de quem o enfermo era devoto.

- *Não importa sofrer qualquer pena - repetia ao padre - mas que esteja aqui (e batia no peito) Jesus, comigo... sem Ele, ó que tristeza!*

Pobre Inácio! A vida não lhe foi avara de desventuras: miséria e doença o acompanharam na sua imigração, e em sua terra a mulher, esquecida dos sacros deveres, o insultava com uma conduta indigna.

Pe. José sugeriu e o moribundo aceitou ditar uma carta de perdão: que ela parasse de ofender a Deus e sossegasse um pouco, pois ele estava para descer à sepultura.

"Foram breves palavras, mas que punham a alma enquanto as dizia. Eu fiquei admirado pela boa vontade com que o querido amigo as pronunciou".

CAPÍTULO XI

" 'O que toca em você, toca na pupila dos meus olhos!' *Estas palavras - comentava Pe. José ao dar notícias dali - suscitam ainda um triste eco na minha alma. Trata-se de um jovem de vinte anos que foi aluno de nosso colégio de Paranaguá.*

Como em todas as regiões e cidades do Brasil, assim também Paranaguá é atingida por uma onda de corrupções fomentada pelo comunismo. O infeliz jovem, premiado pela natureza com uma boa inteligência, tornou-se mestre daquela ideologia, e teve a audácia de escrever seus jornais contra os próprios benfeitores, esquecendo a bondade dos nossos padres que nunca exigiram que ele pagasse a mensalidade".

Pe. José, ao fim dos primeiros contatos, teve uma desanimadora impressão: da língua daquele libertino não saíam mais que palavras de escárnio e grosseria, pelas quais foi quase obrigado a deixá-lo. Quando soube que seu estado se agravara e que estava preso ao leito, aproximou-se dele. *"Fui visitá-lo - escreve o padre - e ofereci-lhe algumas coisinhas que possuía. Rezei e pedi que algumas boas pessoas também rezassem por ele... Piorando sempre, na festa do Santo Nome de Maria (45) escrevi-lhe uma cartinha convidando-o educadamente a cumprir o seu dever religioso. Alguns dias depois tornei a encontrá-lo. Nenhuma alusão de sua parte sobre minha carta. Então coube a mim tocar no assunto. E muito pálido, perguntou-me:*

- Estou tão mal assim?

Percebendo o seu abatimento e a sua indisposição para receber os sacramentos, acrescentei apenas que se ele desejasse confessar, não temesse incomodar-me, porque muito me alegrava poder servi-lo".

O jovem deixou repentinamente o sanatório, dizendo que não queria morrer lá.

Pe. José não o abandonou. Escreveu aos sacerdotes da cidade onde o jovem morava com a família, mas o doente não permitia nunca que um padre entrasse no seu quarto. A única vez que um vizinho de casa fez entrar um padre da paróquia do lugar, enganando o doente, este não se dignou a aceitar nem ao menos uma bênção; respondeu mal-educadamente.

O outro inimigo dos padres, que teve um fim pouco invejável, foi um homem com seus 45 anos, de origem portuguesa, sobre cuja consciência pesava alguns delitos pagos na prisão sem o benefício do arrependimento. Gabava-se de seu mal proceder e odiava o clero, com o pretexto de ter conhecido muitos sacerdotes pouco edificantes. Pe. José, ignorando estes precedentes, na primeira vez que o visitou perguntou se queria confessar-se, como já tinha feito com os outros doentes dos quartos vizinhos.

A tal proposta o português enfureceu-se, e com os olhos em brasa (pareceram ao padre os olhos de um demônio), lançou-lhe uma série de impropérios. Assustado com tal acolhida, Pe. José recebeu em silêncio e sem reação aquela furiosa tempestade. Não deixou de visitá-lo, evitando irritar a suscetibilidade explosiva daquele pobre homem, buscando, todavia, ganhar seu coração. O infeliz tinha um único filho, pelo qual demonstrava ter um forte afeto. Pe. José ofereceu-se para escrever-lhe em nome do pai belas cartinhas acompanhadas de dinheiro e santinhos. Mais de um mês depois, crendo encontrar menos resistência, tentou novamente o assalto. O doente, logo que percebeu a intenção do padre, fez-se ameaçador e acabando com toda esperança, disse-lhe:

- Eu gosto de você como amigo, mas o odeio como padre!

Deixando transcorrer um pouco de tempo, pela terceira vez repetiu a tentativa, fazendo-se intermediar por uma Irmã. A esta, o impenitente chorando de raiva, berrou:

- Por que ele me persegue assim? Vá embora...! O padre sabe bem, e não perca mais tempo com isso!

- Mas o padre pediu-me...

O outro calou-se num silêncio profundo.

Depois de alguns dias seu estado se agravou. *"Tentei pegá-lo na crise - narra Pe. José -, mas novamente respondeu-me que eu era para ele uma sarna... Em sua última noite, depois de ter batizado um homem de 60 anos, passando ao seu lado, acenei-lhe com a mão, desejando-lhe uma boa noite; ele respondeu à minha saudação. No dia seguinte morreu desesperado. Estive próximo ao seu coração, mas não dentro dele".*

CAPÍTULO XII

Entre as tantas conversões de almas que estavam à beira do precipício infernal e no juízo humano eram já presa eterna de Satanás, havia um magistrado de 45 anos, filho de um governador de Estado. Uma conduta desregrada lhe tinha barrado a carreira, arruinado a saúde e feito perder a fé.

Informado pelo diretor sobre o estado moral e físico do recém-chegado, ao qual restavam poucos dias de vida, Pe. José correu a apresentar-se, mas com apreensão; e teve de fato uma acolhida gélida, que lhe fez entender que a sua visita não era desejada nem grata. Sentado no leito com uma toalha na testa, o doente respondia ao padre, que estava na entrada do quarto, como a uma pessoa ausente que não merecesse consideração, e dava-lhe as costas.

A embaraçante e penosa situação mudou com a chegada de um conhecido do magistrado, um jovem que algumas semanas antes estivera em perigo de morte e atribuía o seu restabelecimento às orações do Pe. José, que lhe tinha imposto a medalha de Nossa Senhora do Carmo. Tendo percebido o mal-estar do padre, sem preâmbulos perguntou ao doente:

- *Senhor juiz, o senhor é católico?*

- *Eu não tenho religião* - respondeu lentamente à meia voz o magistrado -. *Tudo o que resta da minha religião é uma cara recordação de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, que foi minha madrinha de batismo* (os católicos brasileiros usavam escolher a Mãe de Deus como madrinha de seus filhos).

- *Exatamente! Nossa Senhora salvará o senhor, como salvou a mim!* - acrescentou com sincera convicção o jovem.

Na visita seguinte o padre presenteou o magistrado com uma bela imagem da Imaculada Conceição, que foi aceita, e desde então foi sempre mais cordial e íntimo. Alguns dias depois, pela tarde, o magistrado encontrava-se em condições desesperadoras. A injeção de um calmante surtiu efeito oposto: alteravam-se períodos de delírio e de tranqüilidade. Durante as pausas de calma, o enfermo contou com extraordinária lucidez e sinceridade toda a sua "história pouco limpa" ao padre, que ouviu sentado aos pés do leito.

- *Caro senhor, veja que já está confessado!*

O moribundo sorriu. O padre prosseguiu:

- *Caro senhor, se tiver ofendido ao bom Deus, peça-lhe perdão e eu lhe darei a absolvição.*

- *Como?... Se ofendi ao bom Deus? Oh, sim! Sei que o ofendi, e muito... muito...!*

O enfermo fixou o olhar nas mãos do padre; viu a coroa do rosário e a quis. Foi uma invocação à dispensadora de todas as graças, a Mãe dos pecadores.

- *Reverendo, o que é a virtude?*

- *É uma coisa que agrada a Deus e aos homens.*

- *Não é isso que quero saber e que me satisfaça... Reverendo, o que é de fato a virtude?*

- *É uma violência que fazemos a nós mesmos para fugir do mal e operar o bem.*

- *Sim... agora disse bem... Oh, como é fácil fazer o bem!*

"Pareceu-me - comentou Pe. José - a tradução exata daquela citação 'meu jugo é suave'. Nossa Senhora não abandona os seus, mesmo aqueles que lhe foram filhos indignos".

- *Se o senhor conseguir converter aquele homem, sobe de posto!* - disse um diretor do sanatório ao Pe. José, que havia pedido informações sobre um novo interno. Era este um daqueles que se declaram cristãos só por ter recebido o batismo. O primeiro sucesso que alcançou a assídua e paciente fadiga do Pe. José ao redor daquela alma adormecida foi quando o enfermo aceitou deixar impor-lhe o escapulário do Carmo. Era uma esperança, mas era necessário dar tempo ao tempo. À mesma tarde, ao contrário, improvisadamente o doente decidiu voltar para casa na manhã do dia seguinte. Quando o soube, o padre foi rapidamente a ele, levando uma fotografia de um grupo no qual também estava o enfermo. Estando ali outras pessoas, não achou oportuno falar-lhe dos sacramentos,

mas propôs-se de retornar assim que o nosso homem estivesse sozinho. Desculpando-se que devia visitar outros doentes, deixou o quarto esquecendo propositadamente o barrete. Mas alguém ali logo se apercebeu dele, e o chamou com muita gentileza. Teve que - de má vontade - agradecer aquela atenção e dar um giro pelos quartos, à espera do momento propício. As horas passaram, mas as pessoas indesejáveis permaneceram. Não era mais questão de pacientar, mas de colher a única ocasião para tentar salvar uma alma.

- *Perdoe-me, caro senhor; já ia-me retirando sem nem perguntar-lhe se gostaria de comungar. Desculpe-me!*

- *Obrigado, reverendo! Sim, gostaria! Com muito prazer!*

E aquele cristão vivido sem religião fez a sua primeira e última confissão, a primeira e última comunhão; depois celebrou o matrimônio com a mulher vinda para reconduzi-lo para casa, para morrer cristãmente. *"E este bem - exclamou Pe. José - devo sempre a Nossa Senhora!"*.

Pe. José estava um dia falando com um enfermo, quando ouviu alguém gritar forte:

- *Sexta-feira quero confessar-me para descarregar um pouco!*

Era um jovem de 26 anos, pai de dois filhos, surdo. Pe. José, para facilitar-lhe a confissão, escreveu algumas perguntas essenciais com letras grandes, sabendo ser ele semi-analfabeto. E para soletrar aquelas poucas linhas, o pobre penitente gastou quase meia-hora, fazendo todo o dormitório ouvir a sua sofrível leitura. Pe. José, embaraçado daquela não desejada confissão pública, batia-lhe no ombro para fazê-lo abaixar o tom, mas o outro, um autêntico surdo, dobrava o fôlego da garganta. Foi preciso fazer sair os presentes, exceto os mais graves que não podiam deixar o leito e pedir-lhes *"que não se assustassem por ouvir certas coisas"*.

Entre os mais afeiçoados ao padre, merece ser recordado um homem de 45 anos, filho de pai napolitano e mãe brasileira. Havia ele sonhado que em 16 de maio daquele ano de 1937 estaria morto. Poucos meses antes, um doente havia tido um sonho semelhante e de fato assim aconteceu. O caso poderia repetir-se, e por isso o nosso bravo homem pediu os sacramentos, que lhe foram administrados pela concreta gravidade das condições; além disso, fez o padre prometer visitá-lo pela meia-noite do dia 15, ou pelo menos mandar-lhe uma bênção, se não pudesse mover-se.

"Acordei - narra o padre - descansado, às 23h30min. O tempo estava bom, a lua brilhava. Junto com um funcionário, fui visitá-lo. Naquele momento o doente estava também acordado; não para morrer, mas para melhorar".

Todavia, convicto de que deveria morrer logo, o doente teve o desejo de rever sua casa. Não se dava conta do risco ao qual se expunha com uma viagem de mais de três dias num trem que não tinha nem velocidade, nem conforto.

Um velho de 65 anos, católico do rito siro-maronita, teimava em ser o protetor do capelão do sanatório, uma espécie de guarda-costas. Não obstante a enfermidade, conservava um vigor que incutia a todos respeito, e quando os seus nervos se esquentavam, dava medo. Em particular vigiava o refeitório, onde por necessidade dois ou três adversários, comunistas ou incrédulos, deveriam suportar a presença do padre que tomava parte da mesa comum.

- *Fique tranqüilo, padre: o primeiro que ousar aborrecê-lo terá que se ver comigo!*

E o padre, com alegre aparência, tolerava também aquela supérflua demonstração de afeto, conhecendo a bondade do homem, absolutamente nada violento. Era, antes, profundamente religioso, com uma grande devoção a Nossa Senhora.

Bastante feliz no comércio, pouco ou nada na família, havia desposado contra a vontade dos pais uma mulher que não o amava.

- *Teimoso, quis fazer do meu modo, e paguei caro! Devemos sempre escutar os mais velhos. Acho que fui um bom pai, sempre trabalhei pelos meus filhos, aos quais deixo uma boa herança...*

A última tarde que Pe. José bateu à sua porta, não lhe respondeu porque estava cantarolando.

- *Muito bem, Sr. Miguel! O canto é alegria!*

- *Quantas lágrimas tenho espalhadas neste quarto só Deus sabe... Cantava uma canção de minha região, que me recorda tantas coisas!*

"No dia seguinte, à mesma hora o seu cadáver era levado ao cemitério, e espero que a sua alma cante agora no Paraíso" - escreveu com sofrimento o padre.

Em 30 de maio de 1937 Pe. José perdeu um outro fraterno amigo que lhe fora colaborador eficaz no apostolado. *"Em todos os leitos ouvia elogios a seu respeito, e eu me valia dele para lançar às vezes uma boa palavra, ou para convidar alguém aos sacramentos. Ele aceitava a incumbência sempre com muito gosto"*.

Foram-lhe administrados os últimos sacramentos na vigília de Pentecostes, que no sanatório era solenizada com a celebração do Dia dos Enfermos. Ao padre, que lhe sugeriu oferecer os seus sofrimentos em favor das missões, disse: *"Darei de boa vontade a vida"*.

Sobreviveu ainda duas semanas. *"Em 29 de maio, aniversário de minha ordenação sacerdotal, ofereci-lhe a minha missa, e ele ofereceu-me as suas dores daquele dia. Visitando-o mais tarde, chamou-me junto de si, pegou em minha veste e a beijou, desejando-me longos anos de vida a serviço de Deus. Morreu no dia seguinte, domingo depois da oitava do Corpo do Senhor. Estive junto dele até cerca de meio-dia. Antes de mim, tinha-se detido um longo tempo com o primo Diretor, com o qual tinha falado sobre a morte."*

Por volta de 13 horas mandou alguém chamar-me.

- Estou para morrer. Ajude-me!

Renovou a intenção do dia, que Jesus fosse conhecido e amado no Santíssimo Sacramento; pediu perdão a todos e desejou a mim felicidade.

Teve uma brevíssima agonia, não mais de 5 minutos. Abriu belamente os olhos, como se visse alguma coisa celestial, e depois de poucos instantes expirou. Ajoelhei-me para sufragar a alma, e quando me levantei, a sua cabeça estava caída para direita e apertava entre as mãos uma estatueta de Santa Terezinha do Menino Jesus e sorria docemente. Assim vem figurado o trânsito da Florinha do Carmelo de Lisieux".

Em 10 de setembro Pe. José chorava também a morte de um outro amigo, um polaco de 34 anos, muito *"bom e piedoso. Todos tinham por ele grande estima"*.

No último mês de vida experimentou aquela prova de purificação que os místicos denominam "a noite do espírito", sustentado pela confortável amabilidade do padre, que lhe fez recordar os ensinamentos de Santa Terezinha, de quem o enfermo era devoto.

- Não importa sofrer qualquer pena - repetia ao padre - mas que esteja aqui (e batia no peito) Jesus, comigo... sem Ele, ó que tristeza!

Pobre Inácio! A vida não lhe foi avara de desventuras: miséria e doença o acompanharam na sua imigração, e em sua terra a mulher, esquecida dos sacros deveres, o insultava com uma conduta indigna.

Pe. José sugeriu e o moribundo aceitou ditar uma carta de perdão: que ela parasse de ofender a Deus e sossegasse um pouco, pois ele estava para descer à sepultura.

"Foram breves palavras, mas que punham a alma enquanto as dizia. Eu fiquei admirado pela boa vontade com que o querido amigo as pronunciou".

CAPÍTULO XIII

"Muitos - disse Pe. José - têm medo do Óleo Santo (46). Eu o considero o passaporte para a eternidade. Valho-me sempre do seguinte caso para animar os que se mostram contrários em receber este sacramento:

Uma jovem de seus 18 anos, sujeita a freqüentes hemorragias, uma tarde me chamou porque queria receber os últimos sacramentos. A mim parecia que o perigo não fosse tão iminente assim.

- Amanhã, se não incomodar-se.

- Se o senhor me der agora o Óleo Santo, amanhã estarei boa.

Não quis contrariá-la; dei-lhe o sacramento e ela manteve a promessa: de manhã desceu à capela para assistir à santa missa e comungar. Depois de 15 dias podia ajudar as Irmãs em trabalhos pesados.

- Veja! - disse ao perceber meu espanto - Veja se o Óleo Santo não me ajudou!

- Sr. Vigário! - gritava um cinquentenário quase imobilizado pela hidropisia, apenas me vendo entrar a primeira vez no seu dormitório - Sr. Vigário, venha aqui!

- Eis-me aqui, o que deseja, bom senhor?

- Dê-me o Óleo Santo!

A irmã que fora encarregada de cuidar do altarzinho do quarto, adverte-me que o doente já tinha recebido o sacramento pouco antes no hospital do qual provinha; haviam encontrado uma declaração em seu bolso.

Necessitava, pois, desvencilhar-me, mas o bravo homem não se convencia.

- Trarei a você! Não se preocupe! Ainda está em sua alma a graça do Óleo Santo que recebeu da outra vez!

- Dê-me de novo, porque justamente da outra vez me fez sentir tão bem...!

Esta ladainha durou um mês e meio. Uma semana antes que morresse, administrei-lhe o sacramento, ao qual estava magnificamente preparado".

No penúltimo dia de sua vida, estava caído debaixo da cama, como um corpo morto. No quarto estava presente o padre, que acorreu e ajudou o enfermeiro a colocar colchão, cobertas e doente no lugar.

Querendo exprimir-lhe depois a sua sincera compaixão, o padre perguntou-lhe:

- Um pouco de leite é o que você deseja agora, não é mesmo?

- Não.

- Prefere água com açúcar?

- Não.

- Alguma outra coisa?

- Não.

- Não deseja nada mesmo?

- Desejo que Deus perdoe todos os meus pecados.

CAPÍTULO XIV

O Pe. José admirou-se ao ver, um dia, uma mãe junto ao leito da filha, à qual dizia:

- Minha filha, você deve ter coragem, porque todos devemos ir para onde fomos criados, o Céu... Você é mais de Deus do que minha... O Senhor me deu você, mas se a toma de volta, é para maior bem seu e meu!

"O ânimo da jovem - observou Pe. José - era elevado pela ternura daquele coração materno e com sublime amor em direção à Pátria Celeste.

Mas com o prolongamento da doença, a mãe passou e nutrir alguma esperança, e cedendo enfim às ilusões do sentimento, ficou segura da cura. Desde então, não tolerou mais que se falasse de resignação à filha. Duas vezes que procurei elevar o pensamento da enferma ao Céu, porque se fazia necessário, a mãe me tirava a palavra da boca.

Sugestionada pela mãe, a filha ansiava pela cura. Se lhe sugeria aspirações a Jesus e Maria, me respondia: 'Agora não posso, estou cansada, chame primeiro o médico!' Outra vez, vendo-me rezar, disse: 'Reze por mim, pois quero viver'.

Era uma boa jovem, e nos seis meses em que estive no sanatório comungou muitas vezes; mas podia ter mais méritos se a mãe tivesse continuado a consolá-la como tinha feito tão bem no começo".

"É doloroso, mas é preciso repetir: 'quem não tem tempo, não perde tempo'. Na enfermaria das mulheres havia uma jovem que fazia cara feia quando me via. Eu cumprimentava todas, pedia notícias, o que fazia também com a tal jovem, que me respondia friamente. Dada a pouca abertura que me inspirava convidei-a várias vezes para receber os sacramentos, servindo-me às vezes de uma menina, às vezes de uma jovem ou de um empregado; a todos os três respondeu negativamente, e ao empregado ainda disse:

- *Eu não preciso de padre!*

Pobrezinha! Morreu quase de repente, durante um temporal. Soube que nos últimos instantes chamou um sacerdote, mas a enfermeira hesitou em chamar-me para não me expor a uma doença, estando meu quarto junto à capela, distante uns cem metros".

Ao visitar um dia o dormitório das mulheres, Pe. José percebeu que as suas palavras de augúrio e de conforto dirigidas a uma enferma caíam no vazio. A enferma o olhava com uma expressão mista de malícia e imbecilidade. A infeliz havia renegado a religião católica e passado ao protestantismo.

"Os protestantes - observa a este respeito Pe. José - que provêm da Alemanha ou de outras partes da Europa são respeitosos e amáveis, mas esses ex-católicos, que deixam a verdadeira religião na qual nasceram pelo dinheiro americano (47), são mal-educados e olham o padre com raiva".

O padre não negligenciou aquela apóstata, que tornou-se, antes, o objeto de seus cuidados caritativos. Ela não abjurou a heresia, mas nos três ou quatro meses em que ainda esteve no sanatório deixou de fazer caretas ao padre.

CAPÍTULO XV

Em novembro de 1937 a administração do sanatório, sob proposta do diretor, Dr. Pedro Xavier Gonçalves, isentava Pe. José do pagamento do internamento e dos medicamentos. Ele aceitou este favor não porque o considerava um reconhecimento de sua atividade no conforto aos doentes, mas porque aliviava um peso no balanço dos confrades. A pobreza por ele vivida com verdadeiro espírito evangélico reduzia as suas despesas ao mínimo necessário. Roupas velhas e mesmo usadas por outras pessoas, se limpas e não impróprias, pois amava a pobreza e a queria respeitável, eram as suas preferidas. Uma vez o superior mandou-lhe um embrulho com roupas brancas novas que não eram da medida certa. Com este pretexto Pe. José encontrou um modo de devolvê-las gentilmente e de pedir em troca outras já usadas. *"Sinto não pouco rubor - escrevia ao Pe. Natal Brusasco - por ter mandado de volta a roupa. Era boa e bonita, mas de luxo e pequena. A que me mandar, seja todavia simples, mas também mais longa, longa como a minha chateação... Esta roupa que devolvo tem o colarinho fechado por ganchos ao invés de botões: é uma veste luxuosa demais!"*

Existem homens que se envergonham de terem nascido pobres, e depois que alcançam uma certa posição social, temem que a origem humilde ofusque os seus méritos pessoais; ou então, ao contrário, se gabam exaltando além da conta as suas conquistas. Pe. José, nascido na modestíssima família de João Carroceiro, sempre quis viver pobre, praticando escrupulosamente o voto de pobreza que impede o uso arbitrário dos bens materiais, e sobretudo privando-se do supérfluo que mesmo no estado religioso nem sempre falta. E é esta pobreza que explica e autentica a caridade dos santos, a sua generosidade que parece às vezes até pródiga. A esmola de quem nada renega aos seus caprichos pode ser louvável, mas não comove. A maravilhosa caridade é a de quem tira de si para dar aos outros.

"É lícito - pergunta Pe. José em uma carta ao Pe. Garberoglio - receber presentes dos judeus? Um hebreu, meu vizinho de quarto, ofereceu-me belas pêras e maçãs, que no Brasil são uma raridade, pois frutas deste tipo vêm da Califórnia. Quanto mais me dá, mais aceito: aqui existem tantos pobres, e depois aqui no sanatório somos todos comunistas, comunistas na tuberculose".

Para socorrer os seus pobres, ousava também pedir: *"Peço - escrevia ao Pe. Brusasco - que agradeça ao Pe. Emílio pelas balas que tiveram ótima acolhida entre os doentes, dispostos à réplica (se o Senhor quiser trazer-me uma cabeça com mais juízo, serei grato!). Como já lhe expressei outra vez, mas não sei se conseguirá, gostaria que o senhor dissuadisse, em meu nome, as pessoas que desejam vir visitar-me... É uma grande despesa, um dia de viagem, e outros incômodos para passar somente meia hora comigo,*

que às vezes não sei dizer o que convém... Com aquele dinheiro, pelo contrário, se poderia fazer o bem a muitos sem incômodos para ninguém".

"Estando mais ou menos há dois anos de serviço no mesmo sanatório - testemunha Irmã Maria Pedra - tive ocasião de observar as suas raras virtudes. Muitas e muitas vezes notei que se privava dos alimentos melhores para distribuí-los aos enfermos mais pobres".

Também das pequenas coisas, às quais eram ligadas doces recordações ou santos afetos, era desapegado, e não hesitava em desfazer-se delas se com aquilo podia alegrar o próximo.

Disso teve uma prova tocante o confrade Pe. João Bagozzi (48). Encontrava-se ele no quarto de Pe. José e o seu olhar se pôs a admirar uma bela estatueta de São José.

- *Gostou?* - perguntou Pe. José.

- *É muito expressiva!* - respondeu Pe. João.

- *Se quiser, pode levá-la!*

- *Obrigado, mas não quero que o senhor se prive dela!*

No dia da partida, entrando no quarto para pegar a mala, junto a esta Pe. Bagozzi vê a estatueta que Pe. José lhe havia presenteado.

"Todos os doentes nutriam uma grande admiração pelo Pe. José - afirma Januário Alves de Souza, que estivera no sanatório e havia feito amizade com o padre. Quando alguém lhe oferecia algum presente, retornando alguns dias depois, encontrava tais objetos em posse de outras pessoas... Geralmente os tuberculosos gostam muito de frutas; levava-lhe sempre, mas antes que eu abrisse o pacote, pedia-me permissão para distribuí-las, e após minha insistência, guardava para si apenas uma pêra ou uma maçã, e não sei se depois a conservasse, pois sentia mais satisfação em dar".

CAPÍTULO XVI

"Tirando as visitas aos doentes, estou sempre sozinho".

Pe. José fazia esta declaração no tempo em que a sua saúde estava melhor do que nunca nos últimos anos de sua vida, e lhe permitia desenvolver toda a atividade de capelão. *"Não é mais necessário o bom pároco da Lapa; virá uma vez por semana como confessor ordinário das irmãs. Agora sou o 'dono do pedaço'.*

Posso recitar o Breviário sem incômodos, a santa missa todos os dias; sou uma espécie de 'mini-capelão'.

Do nosso saudoso Pe. João Medico (49) conservo um pedaço da carta na qual estão as reflexões sobre São José que estava tranqüilo no Egito, esperando que o anjo o chamasse do exílio. Assim faço eu, não tão tranqüilo como nosso santo Patrono, mas procurando vencer os meus retraimentos".

A sua solidão não era isolamento, segregação dos homens, mas exigência necessária para a vida interior, condição essencial de operosidade, como a quis nos discípulos o fundador José Marelló, que os exortava a serem "cartuxos e apóstolos".

Devia sentir-se sozinho porque os seus contatos com o mundo externo, digamos, com os enfermos, com os quais convivía, era sobrenatural. *"Busquemos - observa Thomas Merton - a solidão para aí crescer no amor a Deus e ao próximo. Não nos retiramos ao deserto para fugir dos outros, mas para aprender a encontrá-los; não deixamos os outros para não ter mais nada que fazer com eles, mas para buscar o modo de fazer-lhes um bem maior".*

Apenas pôde celebrar com uma certa regularidade a missa, instituiu um centro local do Apostolado da Oração, que rapidamente deu consoladores frutos: nas primeiras sextas-feiras e nas datas festivas um alto percentual de doentes, aos quais uniram-se os enfermeiros e o pessoal de serviço, recebia os sacramentos.

Em 1941 instituiu uma associação denominada *"Apostolado do Sofrimento"*, que teve notável difusão também fora do sanatório.

Um folheto mensal ilustrava as intenções pelas quais os inscritos eram convidados a oferecer as suas orações e sofrimentos. O folheto era redigido pelo Pe. José, que por humildade assinava sempre anonimamente *"sacerdote tuberculoso"*.

Celebrava com solenidade o mês de maio, com pregação cotidiana, e preparava com tríduos e novenas todas as festas litúrgicas de Nossa Senhora. Entre as devoções marianas cultivava com particular cuidado a do Carmo.

Acreditava firmemente no privilégio sabático. Ao pedir ao Pe. Natal as medalhas para substituir ao escapulário que os agregados devem sempre trazer consigo, entusiasma-se à visão das almas que na proteção de Nossa Senhora asseguram a sua salvação eterna. *"Passam-se os anos e lá na solidão do túmulo, quando não houver mais vestígios do nosso ser humano, erguer-se-á ainda a voz do afeto à Rainha do Céu na insígnia que resiste à corrupção da carne: a medalha de Maria.*

Na campa silenciosíssima do sanatório, já mais de 160 insígnias de Maria Santíssima dela cantam do íntimo as suas misericórdias".

CAPÍTULO XVII

É necessário ler as suas cartas para entender melhor que o solitário Pe. José cada vez mais se concentrava em Deus e mais se derramava sobre as almas sempre presentes nas suas orações e feitas objeto do seu apostolado de amor e de sofrimento.

As cartas têm quase todas uma certa prolixidade porque querem recordar pessoas e coisas que o tempo não tira de sua mente, mas são espontâneas, sobretudo transbordantes de fé viva, de sincero afeto.

Notificaram-no que o pai octogenário precisou de um bastão para caminhar. *"Estou contente - respondeu o santo filho - que papai não trabalhe mais; com três pernas pode ainda trabalhar pela alma em companhia do Santíssimo Sacramento".*

À mãe, que estava impedida pela doença de ir à igreja, fez esta recomendação: *"Continue sempre a dizer as belas jaculatórias, também se não sente gosto e lhe pareçam que não valem nada... Quando as nossas orações são como café amargo, o Senhor põe-nos açúcar e elas tornam-se doces".*

O diretor do sanatório exprimiu o desejo de conhecer alguma publicação italiana especializada em tuberculose. Pe. José encarregou um confrade de fazer a busca e expedi-la em homenagem ao seu amigo, que para alguns artigos recorria à tradução do capelão sempre pronto a todas as cortesias.

Gentileza e jovialidade eram características do seu comportamento. Com palavras simples e comuns, fazendo considerações repetidas em todos os livros espirituais, recorrendo aos exemplos dos santos mais conhecidos, sabia infundir nas almas que o escutavam tanto conforto e serenidade! Se são escritas páginas estupendas sobre o mistério da dor humana, somente os santos a entendem, porque vivem o mistério da Cruz, que é o mistério do amor de Deus aos homens, e do amor dos homens a Deus. Por que Deus permite, ou antes, quer a dor? Antes de responder a esta pergunta refletamos que a dor é a única coisa nossa que o nosso amor pode doar a Deus. E se no amor está a nossa felicidade, na dor começa a felicidade. *"Bem-aventurados os que choram"* É uma promessa da perfeita felicidade futura e da imperfeita felicidade presente. Os santos são os homens mais felizes da terra, quero dizer, os menos infelizes, ou quem sabe, os mais alegres, os mais jubilosos, os menos pessimistas.

"Em suas queridas cartas - respondia Pe. José a um companheiro que lhe confiava as suas penas - sente-se uma nota de melancolia do começo ao fim. É necessário mandar embora as causas que não têm fundamento. Os brasileiros têm um belo ditado: 'O que demora, Deus melhora'.

Viva a vida! Há um passarinho que canta justamente assim, mas parece como em francês: 'Vive la vie'. Chama-se bem-te-vi".

Para pregar o retiro pascal de 1943 - a poucos meses da morte de Pe. José - fora escolhido um jovem padre, que havia se preparado com sólidos esquemas dos novísimos: Morte, Juízo, Inferno, Paraíso. Naqueles dias haviam acontecido no sanatório falecimentos imprevistos, que tinham impressionado e turbado os ânimos de todos. Se o inexperiente pregador, tomando a deixa dos fatos recentes, pintasse com tintas foscas os argumentos que queria tratar, causaria nos ouvintes desânimo e terror, ao invés de

salutares resoluções. Pe. José, sabendo que os seus queridos doentes já estavam assustados demais, sugeriu ao confrade entretê-los com mais consolantes verdades do cristianismo.

Em 1939 os familiares de Pe. José, com o desejo de revê-lo e com a esperança que o clima nativo ajudasse a sua saúde, propuseram-lhe retornar à pátria, e apresentaram estas motivações aos superiores, que deixaram a ele a última decisão. Ele escreveu à irmã Valentina uma carta que pode ser considerada o seu testamento.

"Se tivesse fé e desejo que Jesus fosse conhecido e amado, não teria pedido que eu voltasse à Itália, mas teria encorajado-me a ficar aqui, pois fui eu quem quis vir para cá.

Não é mal, para vocês e para mim, desejar que eu retorne à Itália; antes, é coisa boa. Mas o Senhor promete no Evangelho que terá maiores graças e salvará mais almas quem por amor a Ele deixar a casa e os parentes. O que nos resta então a fazer? Eu renovo a minha vontade de ficar, com saúde ou doente, sem nada pedir aos superiores, pronto a fazer tudo o que eles quiserem.

E vocês? Sentem apertar o coração, mas devem dizer ao Senhor assim: Ó bom Deus, nós temos um filho e um irmão que vale pouca coisa, porque é doente e pouco fervoroso. Todavia é vosso sacerdote e nós queremos dar-vo-lo para sempre. Nós desejamos que salve muitas almas e com ele queremos nos reencontrar no céu".

Ao encontro marcado pelo Pe. José com seus familiares, chegaram primeiro os pais, quase ao mesmo tempo: a mãe em 28 de fevereiro e o pai em 13 de março de 1942.

A morte dos seus pais, passados à eternidade no breve período de duas semanas, ficou ignorada pelo Pe. José por quase um ano. O estado de guerra entre o Brasil e a Itália deixou incerto e tardio o serviço postal entre os dois países. Foi ao Pe. Garberoglio que coube o encargo penosíssimo de informá-lo, respondendo a uma carta na qual Pe. José pedia notícias dos pais. *"Estou um pouco preocupado com meu querido pai e minha querida mãe. Far-me-á um grande favor dando-me notícias deles e comunicando-lhes as minhas. Um amigo de Curitiba encontrou-nos um modo de reatar nossa correspondência endereçando-a aos seus parentes em Portugal, os quais a reexpedirão para a Itália".*

Eis a carta do Pe. Garberoglio:

Asti, 06 de outubro de 1942.

Caríssimo Pe. Calvi:

Somos muito gratos a você pela carta de 17 de maio, que nos tirou de uma penosa incerteza, na qual todavia ainda se debatem os seus parentes, como evidencia uma carta de sua irmã, chegada a mim esta semana, na qual me escreve que já há muito tempo não tem mais notícias do Brasil. E me recomenda de notificá-lo do grave sacrifício que Nosso Senhor solicitou neste inverno de você e de sua família, chamando a Si, com a distância de apenas quinze dias, primeiro a mãe e depois o pai, passando ambos santamente à vida melhor.

Desagrada-me causar-lhe dor com esta notícia, que sabendo você serem eles de idade muito avançada, estava preparado para recebê-la um dia ou outro. Mas o conheço como homem de fé e todo abandonado ao querer divino, e por isso não duvido que a colherá com cristã resignação.

Caro irmão, comece a suspirar com desejo mais intenso por habitar o Paraíso, também para rever os queridos pais e gozar perenemente de sua companhia.

Tenhamos coragem e vivamos de agora em diante para o Céu, onde nem luto, nem clamor, nem dor existirão.

Como vê, venho portador de notícias de luto, enquanto você me notifica a boa saúde de todos os nossos missionários, exceto você, de novo sob cuidados especiais porque teve uma recaída. Espero e desejo receber em breve melhores e confortantes notícias a seu respeito.

Sempre seu, afeiçoadíssimo em Cristo.

Pe. Patrício

Pe. José conservou zelosamente esta carta que traz os sinais de suas lágrimas.

A recaída da qual acena Pe. Garberoglio vinha desde o outono anterior, e dela fala o próprio Pe. José com o habitual otimismo em uma carta sua de 17 de maio. *"Todos com saúde e trabalhando. Somente o abaixo-assinado, de abril para cá, é submetido a dieta em tudo, até da Santa Missa... Aplicaram-me o pneumatôrax e espero dentro de não muito tempo estar discretamente bem de novo"*.

Para o Pe. José, o "estar discretamente bem" significava estar menos pior. Não podendo dar a seu respeito a notícia que Pe. Garberoglio esperava, responde-lhe depois de três meses, e foi a última vez que escreveu ao venerado superior.

Se bem que, como sempre, procurasse esconder os seus sofrimentos, neste escrito Pe. José deixa transparecer estar ciente de sua morte próxima e dá um preanúncio com a máxima serenidade de ânimo.

Lapa-Sanatório, 23 de março de 1943.

Revmo. Sr. Reitor-Mor:

Ainda muito impressionado pela carta tão delicada e confortadora de V.Rvma., que recebi em 23 de dezembro, venho somente agora agradecê-la. Agradeço sua permissão de dobrar os sufrágios das santas missas pelos meus queridos pais. Do céu saberão recompensá-lo por mim, especialmente mamãe, que tanto amava a Congregação.

Em janeiro havia escrito ao Senhor uma carta muito triste, mas era demais pessimista ao encarar minha saúde, que depois de várias crises melhorou, graças a São José.

Não celebro todos os dias. A tosse, o cansaço causado pelo mal do fígado e do estômago, e outras coisinhas, me impedem de celebrar todos os dias. Quando não celebro, apenas comungo, se bem que por causa da tosse muitas vezes digo as orações litúrgicas só com a mente. Não esperava chegar até hoje com vida!

Os outros confrades estão todos bem, um pouco menos Pe. Siccardi, que sofre do coração e não podendo atender como se deve à Paróquia do Portão, chamou Pe. Fidélis Rota que estava em Teixeira Soares para substituí-lo.

Pe. Natal Brusasco é o que mais se interessa por mim, com muito afeto. Será um grande favor que o Senhor me fará se tiver ocasião de agradecer a ele por mim.

Sempre grato e devotíssimo

Seu em Jesus
Pe. José Calvi.

Impedido pela doença de celebrar a missa e de recitar o breviário, não quis renunciar à comunhão cotidiana e à assistência aos moribundos.

"Seu zelo pelas almas - testemunhou Irmã Maria Pedra - era tão grande que a despeito de seu estado de fraqueza, nunca deixou de assistir aos doentes em agonia, ainda que isto fosse nas horas mais avançadas da noite. E isto é provado pelo seguinte fato:

Dois meses antes de sua morte, expirava repentinamente um interno na enfermaria colocada defronte ao aposento do Pe. José. A irmã enfermeira não comunicou nada porque o padre se encontrava em um estado de fraqueza extrema. Despertado pela confusão que se seguiu no retirar o falecido e vindo a saber quando já haviam terminado, mandou chamar um empregado para que o acompanhasse ao necrotério. O enfermeiro, robusto e forte, tomou nos braços o padre embrulhado numa coberta, e o carregou à câmara mortuária: logo o bom padre apressou-se em administrar - sob condição - o sacramento da extrema-unção".

Passava os dias e as noites de insônia em oração.

"Durante os últimos 15 dias - disse Irmã Maria Pedra - tive a sorte de poder servi-lo pessoalmente. E foram para mim dias de grande graça, porque estava convicta de estar servindo a um santo. Pude de fato observar bem de perto as suas virtudes, em particular o amor a Deus, a sua paciência, a sua simplicidade, a sua gratidão. Fiquei profundamente comovida quando o padre pediu a mim e ao Pe. Natal de perdoá-lo pelo mau exemplo que pudesse dar ao entrar agonia".

Ainda no último dia conseguiu ir à capela e comungar.

Como havia desejado, conservou até os extremos instantes a lucidez da mente. Fazendo entender que queria receber a morte com dignidade e decoro, pediu a um enfermeiro que lhe arrumasse a cama. Naqueles poucos segundos, sobreveio o colapso, e de repente foi visto empalidecer e assumir uma cor cadavérica. Apertando nas mãos o crucifixo, declinou docemente a cabeça e serenamente adormeceu para a eternidade. Eram 14h30min do dia 26 de setembro de 1943.

Os meninos doentes do sanatório espalharam a notícia em todas as repartições do hospital gritando: "Morreu o Santo!"

Pe. Natal tomou a cara salma e à tardinha a levou para a Água Verde, onde Pe. José fora vigário. Ali chegou tarde da noite, absolutamente inesperado, pois nenhuma comunicação da repentina morte do Pe. José fora dada.

- *Como está o Pe. José?* - Perguntaram ao Pe. Natal os confrades, apenas o viram entrar na casa.

- *Está lá fora!* - Respondeu o superior, mas não pode acrescentar mais nada por causa de uma crise de choro.

A salma foi levada à igreja, que em poucas horas ficou lotada. Muitas pessoas ficaram velando a noite toda. Pela manhã iniciaram-se as missas de sufrágio.

Uma impressionante massa de povo participou do sepultamento, acontecido bem à tarde, honrado pela presença do arcebispo de Curitiba e das autoridades civis, do clero secular e religioso e de todas as associações religiosas (50).

NOTAS:

01. José foi o último filho de João Calvi e Maria Madalena Lustrini. Seu pai era carroceiro.
02. Cortemilia, com cerca de 2600 habitantes (1998), situada no norte da Itália, é uma terra de vinhos, trufas, cogumelos e nozes. A região possui paisagens de grande beleza. A cidade é atravessada pelo Rio Bormida. Segundo a tradição popular, Cortemilia deve seu nome ao consul romano Emílio Scauro, que teve uma propriedade na região no séc. II a.C. No entanto, estudiosos afirmam que o nome da cidade deriva de "Curtismilium", de "curtis", vasta propriedade agrícola autosuficiente do período medieval. A cidade possui duas igrejas paroquiais: S. Pantaleão e S. Miguel. José Calvi foi batizado em S. Pantaleão em 07/05/1901. A cidade possui um convento franciscano que, segundo a lenda, foi fundado por São Francisco de Assis quando passou pela região.
03. O **Pe. José Vaccheto** nasceu em Cortemilia em 1872 e morreu nesta mesma cidade em 1955, aos 83 anos de idade. Era muito amigo da família Calvi e confessor da Sra. Maria Madalena. Durante toda a vida José Calvi correspondeu-se com ele.
04. José Calvi recebeu a Primeira Eucaristia em 11/04/1910.
05. O Colégio do Sagrado Coração, em Frinco, próximo a Asti, funcionava num castelo adquirido por Dom Marelo em 1893. Serviu como seminário, noviciado e oratório. Foi vendido em 1962.
06. José Calvi foi admitido à Congregação em 12/09/1914.
07. A casa de Oleggio (Novara), onde funcionava um oratório (Oratório São José), foi aberta em 1913 e fechada em 1919.
08. **Pe. Pedro Franchini** nasceu em 1904 em Marano Ticino. Faleceu em Asti em 1981, aos 77 anos de idade. Ordenado em 1928, trabalhou durante muitos anos na Escola Fulgor de Asti (de 1945 até sua morte). Era um sacerdote de grande cultura e de coração rico de Deus. Fez da escola o grande apostolado de sua vida.
09. Em 1883 o Pe. Marelo adquiriu em nome do bispo de Asti um ex-convento de clarissas localizado em Asti, chamado "**Santa Chiara**" (Santa Clara), que havia sido confiscado pelo Estado. Em 1884 os Oblatos passaram a residir no convento, e em 1885 o próprio Marelo mudou-se para lá. A casa de Santa Chiara passou a ser a "Casa-Mãe" da Congregação. Em 1924 a propriedade foi oficialmente transferida para a Congregação dos Oblatos de São José.
10. José Calvi fez o noviciado entre os anos de 1917-1919, tendo como mestres os padres Bartolomeu Pozzi e Luís Garberoglio.
11. A **Paróquia de São Lourenço in Fonte**, na Via Urbana, Roma, foi assumida pelos josefinos em 1918, onde também foi instalada a Casa Generalícia. O Procurador Geral da Congregação junto à Santa Sé era o Pe. Henrique Carandino.
12. **Santo Estanislau Kostka** (1550-1568), filho de uma família nobre da Polônia, contra a vontade dos pais entrou para a Companhia Jesuíta aos 17 anos. Morreu em Roma, quando era noviço, deixando a todos grande exemplo de dedicação aos estudos e piedade às coisas de Deus.
- São João Berchmans** (1599-1621), filho de uma pobre família belga, entrou para os jesuítas aos 17 anos. Dotado de boa inteligência e profunda piedade, morreu aos 20 anos em Roma, quando preparava-se para o sacerdócio, abraçado "aos seus tesouros": o terço, o livro das Regras e o crucifixo.
- São Gabriel da Virgem Dolorosa** (1838-1862) nasceu em Assis. Pertencia à Congregação dos Passionistas. Foi exemplo de observância religiosa e devoção a Nossa Senhora.

13. **Pe. José Binello** nasceu em 1902 em Sessant d'Asti e morreu em Asti em 1987, aos 89 anos. Entrou na Congregação aos 10 anos e foi ordenado em 1926. De inteligência brilhante, dominava bem a língua italiana, principalmente poesia e a literatura, deixando várias obras poéticas, exegéticas e ascéticas.
14. O **Pe. João Batista Cortona** nasceu em Gamalero em 1855. Foi ordenado em 1883 em Alessandria. Em seguida, pediu seu ingresso na jovem Congregação fundada por José Marelló. Ele foi o primeiro padre da Congregação. Com a morte do fundador, o Pe. Cortona tornou-se superior até 1921. Morreu em Alba aos 76 anos de idade, em 1931.
15. **Pe. Luís Mori** nasceu em Vignola em 1896 e morreu em Asti em 1959, aos 63 anos de idade. Ordenado em 1922. De 1936 a 1946 foi Secretário Geral da Congregação. Diligente e organizado, recolheu muitas notícias que serviram de base para a primeira história escrita da Congregação.
16. **Pe. Henrique Giovetto** nasceu em Corneliano d'Alba em 1897 e morreu em Exeter - Pensilvânia (EUA) em 1988 aos 91 anos de idade. Entrou na Congregação em 1913, aos 25 anos de idade. Lutou na Primeira Guerra Mundial e foi ordenado em 1927. Em 1930 partiu para os EUA. Homem severo e de profunda vida interior, foi amado e admirado pelos confrados.
17. O **Pe. Luís Rosso** nasceu em 1891 em S. Damiano d'Asti e morreu em 1971, aos 80 anos, em Asti. Entrou para a Congregação em 1904, fazendo a primeira profissão religiosa em 1907 e sendo ordenado em 1914. Em 1919 foi encarregado dos clérigos estudantes de teologia de Asti, cargo que desempenhou por 27 anos. Foi eleito Superior Geral por dois mandatos (de 1946 a 1958). Foi o primeiro Superior Geral que visitou a missão do Brasil.
18. **Pe. Luís Garberoglio** nasceu em Agliano d'Asti em 1874 e morreu em Asti em 1957, aos 83 anos de idade. Entrou para a Congregação em 1884 e recebeu o hábito religioso das mãos do Fundador. Foi ordenado em 1897. Foi Superior Geral de 1926 a 1938, e de 1939 a 1946. Seu nome religioso era Patrício. Foi verdadeiro imitador do Fundador, religioso perfeito, amante da Congregação.
19. **Pe. João Ponzó** nasceu em Castiglione d'Asti em 1895 e morreu em Grottaferrata em 1969, aos 73 anos de idade. Foi ordenado em 1926 e desenvolveu toda sua vida sacerdotal em Roma, na Igreja de São Lourenço in Fonte.
20. **Pe. João Nota** nasceu em 1901 em Mombaruzzo d'Asti e morreu em 1982 em Asti. Por motivo de saúde sua ordenação sacerdotal foi adiada durante vários anos, até 1929. Na década de 50 tentou fundar o ramo feminino dos Oblatos de São José, iniciativa que fracassou.
21. O **Irmão Lino dal Castagnè** nasceu em Trento aos 1904 e morreu em Asti aos 1996, com 91 anos de idade e 73 de vida religiosa. Em 1927 foi enviado a Armeno, onde permaneceu até 1991. Tinha espírito sereno, simples e cordial. Trabalhador incansável e religioso de profunda piedade.
22. O **Pe. Paulo Ferrero** nasceu em Castellinaldo em 1881 e morreu em Asti em 1969. Professou os primeiros votos em 1901 e foi ordenado sacerdote em 1912. Homem imperturbável e prático, sabia administrar os conflitos. Foi sempre fiel aos deveres religiosos, educado no estilo próprio dos primeiros Oblatos.
23. **São Luís Gonzaga** (1568-1591), filho de uma nobre família italiana, entrou para a Companhia de Jesus aos 14 anos. Possuía profunda vida interior, admirável coragem em defender a vocação e alto conceito da castidade. Dedicou-se ao serviço dos doentes, vítimas da peste que assolou Roma em 1590. Acabou contraindo a doença e morreu aos 23 anos de idade. É o patrono da juventude.
24. José Calvi foi ordenado sacerdote pelas mãos de D. Luís Spandre, bispo de Asti de 1909 a 1932.

25. Na ocasião partiram para o Brasil: Pe. José Calvi, Pe. Emílio Martinetto, Pe. Afonso Rivelino, Pe. Carlos Ferrero e Ir. Teodoro Boscchi.
26. A Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá foi assumida pelos josefinos em 1920 e devolvida ao bispo em 1945.
27. A Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá é uma das obras mais notáveis da engenharia brasileira. A ferrovia foi projetada pelo Engenheiro Antonio Rebouças durante o Segundo Reinado. A estrada de ferro foi aberta ao tráfego em 1885. Tem 111 km de extensão, 41 pontes e 13 túneis, 12 dos quais escavados na rocha viva, além do arrojado viaduto Vicente Machado, com 84 m de extensão.
28. O Abrigo de Menores foi assumido pelos josefinos em 1926. Localizado à Av. 7 de setembro esquina com Rua Marechal Floriano, em Curitiba, abrigava órfão e jovens carentes em regime de internato.
29. O **Pe. Emílio Martinetto** nasceu em Castell'Alfero em 1884 e morreu em Curitiba em 1945. Ordenado em 1916, partiu em 1919 com o primeiro grupo de missionários para o Brasil. Trabalhou com afinco para a implantação da Congregação nas terras brasileiras. Alma boa e caridosa, rica de dons que espalhou abundantemente em todos os lugares que trabalhou.
30. **D. João Francisco Braga** foi nomeado bispo de Petrópolis em 1902. Foi transferido para a diocese de Curitiba em 1907, sendo elevado à condição de Arcebispo em 1926. Faleceu em 1937. Em 1919 ele esteve na Itália à procura de padres para trabalhar em sua diocese e convidou os Oblatos de São José para abrirem uma missão no Paraná, fato que concretizou-se em setembro daquele mesmo ano.
31. O Sanatório São Sebastião, localizado na periferia da cidade de Lapa, Paraná, foi inaugurado em 30/10/1927. Ali eram internados doentes de tuberculose.
32. O Superior-Geral na ocasião era o Pe. Luís Garberoglio.
33. O Pe. Afonso Rivellino nasceu em Turim em 1871. Entrou para a Congregação quando ainda vivia o Fundador, sendo ordenado em 1897. Em 1926 partiu para o Brasil e trabalhava em Umbará quando morreu em 1928, apenas 15 meses após sua chegada.
34. As religiosas que primeiro atenderam ao Sanatório foram as Irmãs Vicentinas. Após sua saída em 1929 chegaram as Irmãs Franciscanas de São José, que permaneceram no local até 1992.
35. A Paróquia do Sagrado Coração da Água Verde esteve aos cuidados dos josefinos de 1920 a 1936.
36. **Pe. Fidélis Rota** nasceu em Mirabello Monferrato em 1886 e morreu em Curitiba em 1954, aos 68 anos. Foi ordenado em 1912 e serviu na Primeira Grande Guerra como capelão militar. Admirado pelo zelo e diligência, partiu para o Brasil em 1925.
37. **Pe. Carlos Ferrero** nasceu em Frinco d'Asti em 1896 e morreu em 1976 em Asti. Ordenado em 1922, partiu para o Brasil em 1926. Durante 50 anos trabalhou em diversas casas do Brasil. Em 1976 retornou para a Itália, indo para a Casa de Repouso da Congregação. Morreu um mês depois de seu retorno. Era muito querido por todos pelo bom caráter, bondade e laboriosidade.
38. O **Irmão Pedro Cuffini** nasceu em Bolano em 1881 e morreu em Salto Grande em 1967. Entrou para a Congregação com 33 anos de idade, em 1914. Partiu para o Brasil em 1921. Auxiliou os sacerdotes em várias localidades como sacristão ou auxiliar nas tarefas domésticas e cotidianas. Ficou famoso por suas "receitas medicinais", que muitos consideravam "milagrosas".
39. **Pe. Eugênio Gherlone** nasceu em Cossombrato em 1890 e morreu em Asti em 1973. Ordenado em 1914, partiu no ano seguinte como missionário para as Ilhas Filipinas. Em 1929 partiu para a Pensilvânia (EUA). Também trabalhou no Peru. Durante muitos anos foi

o Vigário-Geral da Congregação, além de ter sido o superior em todas as missões em que esteve. Visitou o Brasil em 1933 e em 1948.

40. O **Pe. Natal Brusasco** nasceu em Piepasso em 1872 e morreu em Curitiba em 1948, aos 76 anos. Entrou para a Congregação aos 14 anos, recebendo o hábito religioso das mãos do Fundador em 1887. Seu nome religioso era Atanásio. Foi ordenado em 1897. Partiu para o Brasil em 1921, com quase 50 anos de idade.

41. O **Pe. João Siccardi** nasceu em Villa San Secondo em 1880 e morreu em Curitiba em 1943, aos 63 anos de idade. Foi ordenado em 1904. Partiu para o Brasil em 1921. Dominava perfeitamente a língua portuguesa e publicou artigos e poesias em jornais e revistas locais.

42. José Calvi era vítima da tuberculose. Até meados da metade do séc. XX não existia uma terapia eficaz contra a doença. Do séc. XVIII ao XX, a doença foi a principal causa de morte no Ocidente, em todas as faixas etárias. O emprego de antibióticos a partir da década de 1950 resultou em índices de cura de até 95%. Até então, a maioria dos pacientes era tratada em sanatórios especiais, como o da Lapa, no Paraná e de Campos do Jordão, em São Paulo. À medida que novos antibióticos foram descobertos, o tratamento da tuberculose deixou de exigir a internação do doente. Na década de 1970 acreditava-se que a tuberculose estava sob controle em praticamente todo o mundo. Com o passar dos anos, no entanto, surgiram tipos especiais de bacilos resistentes às drogas empregadas contra ele, e a doença vem crescendo novamente nos últimos tempos.

43. Lapa está localizada a 71 km de Curitiba. É uma cidade histórica, palco em 1894 de uma decisiva batalha pela consolidação da República.

44. A Irmã Maria Pedra pertencia à Congregação Franciscana de São José.

45. Festa do antigo calendário litúrgico celebrada no dia 12 de setembro.

46. Trata-se do sacramento da Extrema-Unção, que após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, passou a ser chamado de Unção dos Enfermos e recebeu nova conotação e forma de uso.

47. No início da década de 1910 chegaram ao Brasil as seitas pentecostais norte-americanas Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, que se espalharam rapidamente pelo país nos anos seguintes.

48. O Pe. João Bagozzi nasceu em Castel Condino em 1912 e morreu em Curitiba em 1960, aos 48 anos de idade. Partiu para o Brasil em 1939. Em 1954 fundou em Curitiba o colégio que hoje tem o seu nome. Era muito querido pelo povo por sua bondade, modéstia e jovialidade.

49. O Pe. João Medico pertencia ao primeiro grupo recrutado pelo Marelli no dia 14/03/1878. Chegou ao sacerdócio em 1886 e morreu em Asti em 1920, aos 65 anos. Seu nome de batismo era Jorge Medico.

50. O Pe. José Calvi foi sepultado no Cemitério da Água Verde, em Curitiba.